

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**A Influência dos Estilos Parentais na utilização da Internet por Crianças
e Adolescentes**

Sandra Helena Vieira Mendonça

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:
Doutora **Susana Cristina Silvestre Fonseca e Athayde de Carvalhosa**
Professora auxiliar

ISCTE - IUL

Outubro, 2016

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**A Influência dos Estilos Parentais na utilização da Internet por Crianças
e Adolescentes**

Sandra Helena Vieira Mendonça

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientadora:
Doutora **Susana Cristina Silvestre Fonseca e Athayde de Carvalhosa**
Professora auxiliar

ISCTE - IUL

Outubro, 2016

Resumo

O presente estudo tem por objetivo compreender de que forma os estilos parentais influenciam a utilização da Internet por crianças e adolescente. Por sua vez, pretende-se perceber como as famílias de baixo contexto socioeconómico e condição de imigrante acompanham e medeiam a utilização da Internet pelos filhos.

A amostra utilizada envolveu 119 crianças e adolescentes e respetivo pai ou mãe. Os dados foram recolhidos mediante a aplicação de um questionário construído para o efeito.

De acordo com os resultados, a utilização da internet é elevada entre as crianças e adolescentes, verificando-se o mesmo nos pais. A casa é o local de maior acesso e o recurso mais utilizado é o telemóvel. Os pais revelam-se mais confiantes na utilização da internet, comparativamente aos filhos. O estilo autoritativo na utilização da internet é o mais evidente entre os pais em estudo.

Quanto às estratégias de mediação parental, todas evidenciam uma correlação positiva com os estilos parentais. A mediação ativa da segurança é a mais utilizada entre os pais em estudo, sendo que falar com a criança/adolescente sobre o que faz na internet e nas redes sociais são as práticas mais realizadas. Em relação aos riscos, a sua expressão entre as crianças e adolescentes em estudo é relativamente baixa, não se verificando diferenças a nível de sexo. Face aos estilos parentais, estes não parecem ter influência na redução dos riscos. Contrariamente às pesquisas de Valcke et al (2010) os que estilos parentais não parecem influenciar significativamente a utilização da internet pelas crianças e adolescentes.

Palavras-chave: *Estilos parentais, Internet, Mediação parental, Comportamentos de risco, Estratégias de Mediação, Redes Sociais*

Abstract

With the present study intends to understand how the parental styles influence the use of the Internet for children and adolescent. On the other hand, understand how the socio-economic context bass families and immigrant status monitor and mediate the use of the Internet by children.

The sample involved 119 children and adolescents and respective parent. The data were collected through the application of a questionnaire built for that purpose. Internet use is very high among children and adolescents, with the same face to the parents. Internet use occurs mainly at home, and the most used feature is the cell phone. The parents are more confident in using the Internet, compared to children. The authoritative style is most evident among parents. The child's age and condition of immigrants show a weak negative correlation with the parenting styles.

As for parental mediation strategies, all show a positive correlation with the parenting styles. The Security Active Mediation is the most used among the parents in the study, and talk to the child / adolescent about what he makes on the Internet and social networks are the most accomplished practices.

With regard to risks, their expression among children and adolescents is relatively low and there were no differences in sex. Given the parenting styles, they seem to have no influence on risk reduction. Contrary to research Valcke et al (2010), the parenting styles do not seem to significantly influence the use of the internet by children and adolescents.

Key-words: Parenting styles, Internet, parental Mediation, risk behaviour, Mediation strategies, social networks

-----Esta página foi deixada propositadamente em branco-----

Introdução

A tarefa de educar é muito complexa e exigente, sendo que o modo como esta é realizada contribuirá para a forma como o indivíduo será nas diferentes áreas do seu desenvolvimento. A família, como primeiro contexto de socialização, desempenha um papel fundamental no comportamento e desenvolvimento das crianças (Baumrind, 1991). As relações precoces têm sido identificadas como fundamentais para o desenvolvimento da criança (Baumrind, 1978), sendo a qualidade dos cuidados parentais apontada frequentemente como a variável mais importante para o desenvolvimento infantil (Sroufe, 2002).

A forma como os pais se relacionam com a criança, as respostas dadas às suas necessidades e as práticas educativas utilizadas estão amplamente relacionadas com o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança (Salvador & Weber, 2005). Uma parentalidade positiva, com práticas não punitivas e consistência a nível da educação estão relacionados com um desenvolvimento adequado da criança (Maccoby & Martin 1993). As práticas educativas definem o comportamento da criança, influenciando de forma significativa a formação da personalidade e o estabelecimento de futuros padrões relacionais enquanto adultos (Cruz 1997).

A era atual é dominada pelas novas tecnologias, sobretudo ao nível da comunicação, tendo a internet um papel fundamental a esse nível. O seu crescimento ao longo dos tempos ocorreu de forma exponencial, sendo significativa a sua presença e impacto na sociedade, sobretudo entre as crianças e adolescentes. A sociedade atual está de tal maneira abarcada pela internet que é quase impensável a vivência sem este recurso.

A geração atual de crianças e adolescentes não experienciou um mundo sem as novas tecnologias, pelo que é evidente a facilidade com que as utilizam, pelo que é muito superior ao dos seus pais. São, portanto, conhecidos como “Nativos Digitais” (Prensky, 2001), “Geração Internet” (Oblinger & Oblinger, 2005). A utilização da internet pelas crianças e adolescentes cresceu significativamente, sendo cada vez mais precoce (Hofferth, 2010). É utilizada para diversos propósitos, nomeadamente, entretenimento, educativo e lúdico-pedagógico (Livingstone, 2003) e como meio de comunicação, recreação e informação (Johnson, 2011).

É certo que a internet proporciona inúmeras oportunidades de comunicação, acesso à informação (Johnson, 2010), entre outros benefícios, no entanto, o uso inapropriado e inseguro da mesma pode expor a criança a diversos tipos de riscos, identificados pela literatura (Bullen &

Harre, 2000; Vanlanduyt & De Cleyn, 2007). Deste modo, os pais detêm um papel fundamental na mediação do uso da internet pelas crianças e adolescentes, acompanhando-as e envolvendo-se nas atividades que desenvolvem na internet. Segundo a literatura, pais que controlam as atividades que os filhos fazem na internet mais facilmente reduzem a exposição destes a conteúdos inapropriados (Cho & Chean, 2005), para além disso, verifica-se um impacto positivo quando os pais acompanham os filhos na internet ou recomendam determinados sites (Lee & Chae, 2007).

A mediação do uso da internet deve ser baseada no controlo e afeto, duas dimensões basilares dos estilos parentais, que, segundo a literatura, são preditores do uso da internet pelas crianças e adolescentes (Valcke et al., 2010). O controlo prende-se com a imposição de regras e limites em relação ao uso da internet e o afeto é expresso pelo investimento na comunicação e níveis de apoio concedido (ex.: conversar com a criança sobre o que faz na internet, sentar-se com ela e realizar atividades em conjunto). Nesse sentido, são referenciadas diferentes estratégias de mediação parental, nomeadamente: Mediação ativa (MA), Mediação ativa da segurança da Criança (MASC), Mediação restritiva (MR), Monitorização (M) e Mediação técnica (MT) (Livingstone, 2011), mediante as quais os pais regulam a utilização da internet pelos filhos.

Considerando o impacto dos estilos parentais no desenvolvimento das crianças e adolescentes, no presente estudo pretendemos verificar a sua influência a nível do uso da internet, a sua relação com as características dos pais e filhos, condição de imigrante, baixo contexto socioeconómico, baixa escolaridade e confiança digital, estratégias de mediação parental e os riscos na internet.

O projeto está estruturado em quatro seções. A seção I consiste no enquadramento teórico, pertinência do estudo, questões e objetivos da investigação. A seção II compreende a metodologia, onde será apresentado o método a utilizar, os participantes, o instrumento e os procedimentos de recolha e análise dos dados. Na seção III será feita a apresentação dos resultados obtidos e a discussão dos mesmos e na seção IV serão apresentadas as conclusões, limitações do estudo e recomendações.

I. Enquadramento teórico

1.1. Práticas Educativas e Estilos Parentais

A parentalidade é definida como uma atividade complexa incluindo determinados comportamentos que operam de forma individual e conjunta, no sentido de influenciar as aprendizagens da criança (Darling, 1999; Darling and Steinber, 1993). São diversos os estudos centrados na forma utilizada pelos pais na educação dos seus filhos e no impacto das suas práticas educativas no desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes, nomeadamente, no seu ajustamento social, desempenho escolar e ao nível da psicopatologia (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbush, 1991; Maccoby & Martin, 1983). De um modo geral, estes estudos associam as práticas parentais a diversos indicadores de desenvolvimento psicológico e comportamental na adolescência, tais como autoestima, depressão, ansiedade, desempenho escolar, competência interpessoal, comportamentos agressivos, entre outros. O modo como os pais se relacionam com a criança, as respostas dadas às suas necessidades e as práticas educativas utilizadas estão amplamente relacionadas com o seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo (Salvador & Weber, 2005).

As práticas educativas parentais são conceptualizadas como situações quotidianas específicas da interação entre pais e filhos (Hoffman, 1994), traduzindo-se nas estratégias utilizadas para atingir objetivos específicos nas diferentes áreas do desenvolvimento da criança, seja académico, social e afetivo, sob determinadas circunstâncias e contextos (Hart, Nelson, Robinson, Olsen (2003) & McNeily-Choque, 1998).

A literatura salienta duas dimensões principais das práticas educativas parentais (Darling & Steinberg, 1993; Hoffman, 1994; Maccoby & Martin, 1983), caracterizadas por padrões comportamentais do tipo indutivo, baseado no apoio emocional e afeto, e coercivo, baseado em punições e proibições. Assim, as práticas indutivas, com recurso ao afeto e o reforço positivo, irão consequentemente contribuir para o aumento da autoestima da criança e para os comportamentos socialmente desejados (Severe, 2000). Por outro lado, as práticas coercivas terão consequências negativas no desenvolvimento da criança, especificamente ao nível do comportamento, podendo desencadear perturbações como a hiperatividade, agressividade, insegurança e medo (Salvador & Weber, 2005). Estas dimensões são definidas na literatura por exigência (demandingness) e responsividade (responsiveness) (Maccoby & Martin, 1983). A exigência relaciona-se com atitudes de controlo do comportamento da criança, mediante o

estabelecimento de regras e limites e a responsividade está associada ao apoio emocional, comunicação bidirecional entre pais e filhos e a promoção da autonomia. A combinação dessas duas grandes dimensões tem sido utilizada para caracterizar os estilos parentais (Maccoby & Martin, 1983; Steinberg, 2001).

Os estilos parentais referem-se a um padrão de comportamento dos pais, expresso num clima emocional criado pelo conjunto das suas atitudes, como as práticas parentais e outros aspetos da sua interação com os filhos. É considerado como o contexto dentro do qual os pais agem para socializar os filhos, de acordo com suas crenças e valores (Darling & Steinberg, 1993). Neste sentido, práticas e estilos parentais estão interligadas, na medida em que o conjunto de práticas dará origem ao estilo parental (Tornarí, Vandemeulebroecke & Copin, 2001). O modelo de conceptualização dos Estilos Parentais foi impulsionado por Diana Baumrind (1966), tendo por base a combinação das dimensões afeto e controlo parental. A autora definiu três tipos parentais, nomeadamente: Autoritário, Autoritativo e Permissivo. O Estilo Autoritário é caracterizado por níveis elevados de controlo e baixos de afeto. O Estilo autoritativo caracteriza-se por níveis elevados de controlo e afeto. Ao contrário deste, o Estilo Permissivo apresenta níveis baixos de controlo e afeto.

Os estudos desenvolvidos por Maccoby e Martin (1983) vieram contribuir para a redefinição do modelo de estilos parentais, identificando duas dimensões essenciais, a Exigência e a Responsividade, referidas anteriormente. Segundo estes autores, a exploração destas duas dimensões conduziu à identificação de quatro estilos parentais, diferenciando assim pais com baixos níveis do controlo parental e diferentes níveis de afeto. O modelo proposto pelos autores veio acrescentar o estilo Indulgente (também designado por permissivo), caracterizado por um baixo controlo e elevada responsividade. Esta reestruturação permitiu, por sua vez, diferenciar os pais cujo baixo nível de controlo prende-se com ideais baseados na confiança, democracia e tolerância (Lamborn et al, 1991), face aos pais cujo baixo controlo traduz-se pelo desinteresse pelas suas responsabilidades parentais. Assim, o estilo permissivo foi desdobrado nos Estilos Indulgente e Negligente.

Os pais caracterizados pelo estilo autoritário exercem o controlo do comportamento da criança de acordo com regras rígidas e pré-estabelecidas, atribuindo grande importância à obediência e não havendo uma preocupação em explicar ou discutir as mesmas com a criança (Baumerind 1966, 1991). Estes pais utilizam, frequentemente, os castigos e punições para os

comportamentos desadequados (Dwairy et al., 2006). Por sua vez, as atitudes relacionadas com o apoio emocional e afeto são pouco frequentes. Os pais autoritativos são pautados pela democracia e aplicação consciente e racional das regras, com a preocupação de explicar à criança o motivo destas. Valorizam os interesses da criança, bem com apoio e transmissão de modelos adequados de comportamento (Buri, 1989), por outro lado, detêm o controlo e autoridade perante situações de conflito ou comportamentos desadequados. Os pais indulgentes caracterizam-se pela ausência de práticas punitivas e elevados níveis de responsividade, evidenciando uma grande recetividade face aos desejos das crianças (Baumerind, 1991; Reitman, Rhode, Hup, & Altobello, 2002). Os níveis de exigência dos pais face às regras são muito baixos, bem como o controlo sobre os comportamentos das crianças, sendo que o baixo controlo é fundamentado pela tolerância, democracia e confiança depositadas na criança. Os pais negligentes evidenciam uma grande indisponibilidade em atender às solicitações da criança, sendo pouco exigentes na aplicação de regras e normas (Maccoby & Martin, 1983). Os baixo níveis de controlo são associados ao seu desinteresse e desresponsabilização sobre a educação dos filhos (Lamborn et al., 1991). As solicitações das crianças são normalmente atendidas como forma de as cessar no imediato.

Barber (1996) salientou que os estilos parentais estão igualmente relacionados com o controlo psicológico. Este é caracterizado pela forma mediante a qual os pais conseguem influenciar, de forma psicológica e emocional, o desenvolvimento da criança através das práticas parentais.

1.2. Estilos parentais e o desenvolvimento das crianças e adolescentes

A avaliação realizada aos diferentes estilos identificados refere o estilo autoritativo como sendo o mais eficaz no desenvolvimento da criança, no que diz respeito à maturidade, assertividade, autonomia e responsabilidade social (Lamborn et al., 1991). Neste sentido, os estudos desenvolvidos com crianças e adolescentes revelaram que os que caracterizam os seus pais como sendo autoritativos revelaram níveis elevados de competência psicossocial, assertividade, autoconfiança, autoestima, autorregulação, criatividade, persistência, autocontrolo e liderança, e índices mais baixos de disfunção psicológica e comportamental, ansiedade e depressão e internalização de sintomas (Baumrind, 1966, 1967, 1991; Baumrind & Black, 1967; Eiden et al., 2007; Lamborn et al., 1991; Maccoby & Martin, 1983; Reitman & Gross, 1997; Steinberg et al., 1991, 1994).

Os filhos de pais caracterizados como autoritários evidenciam índices razoáveis ao nível da obediência e aceitação das normas e regras impostas pelos adultos, contudo baixos valores ao nível do autoconceito. Revelam-se ainda mais inseguros, apreensivos, receosos, agressivos, dependentes, socialmente inibidos e mais comportamentos de externalização (Baumrind & Black, 1967; Dornbusch et al., 1987; Lamborn et al., 1991).

Relativamente ao estilo permissivo, de um modo geral, as crianças e adolescentes revelam dificuldades na autonomia, baixos níveis de autocontrolo, autoconfiança, autoestima, persistência, imaturidade, dependência, impulsividade, agressividade, mais comportamentos disruptivos e uma maior incidência face ao abuso de substâncias (Baumrind, 1967; Dornbusch et al., 1987, Lamborn et al., 1991; Maccoby & Martin, 1983). No entanto, diferenciando os estilos indulgente e negligente, face ao primeiro, as crianças e adolescente evidenciam uma boa autoestima e bem-estar psicológico, mas maior imaturidade, pouco envolvimento escolar, agressividade e problemas de comportamento (Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter, 1997; Lamborn et al., 1991; Wolfradt et al., 2003). Quanto ao negligente, é de salientar uma menor competência social e cognitiva e mais problemas de internalização e comportamento (Adalbjarnardottir & Hafsteinsson, 2001; Reppold & Hutz, 2003).

A nível do desenvolvimento emocional, que consiste nas mudanças a nível da capacidade de controlar e entender os próprios sentimentos e a expressão dessas emoções, bem como a regulação emocional, a capacidade da criança em regular as emoções de acordo com os contextos, o papel dos pais é igualmente preponderante. Assim, os pais que manifestam uma atitude de suporte, compreensão e diálogo com os filhos possibilitam que estes expressem as suas emoções autonomamente e experienciem estratégias de regulação emocional. O contrário acontece com os pais que inibem a expressão emocional pelos filhos, impossibilitando-os de experimentar estratégias de regulação emocional. Estes pais manifestam, normalmente comportamentos superprotetores e ou negligentes (Fox & Calkins, 2003). Por sua vez, as crianças desenvolvem estratégias superiores de regulação emocional, de forma adaptativa no seu contexto imediato, face ao comportamento de suporte por parte dos pais às suas manifestações emocionais negativas (Ramsden & Hubbard, 2002).

1.3. Estilos parentais e o desempenho escolar

É certo que a escola desempenha um papel fulcral no que respeita à educação das crianças

e adolescentes e a sua sensibilização para a importância da continuidade da sua formação, sendo imprescindível a promoção de práticas educativas atrativas e aliciantes, que despertem sentimentos de motivação e interesse por parte destas. Assim, “A escola ocupa na atualidade um espaço social de máximo significado, tanto pelos conteúdos formais que garante aos alunos como pelo nível mais tácito de aprendizagens que proporciona” (Lima et al., 2012). Contudo, é a família o principal agente educativo, pelo que esta tem um papel de grande importância no desenvolvimento e desempenho escolar das crianças e adolescentes.

Muitas vezes, deparamo-nos com uma grande lacuna entre a instituição e a família, na medida em que esta mostra-se indisponível, por falta de tempo e energia, para os apelos feitos pela instituição à sua participação na vida escolar das crianças. A educação não pode nem dever ser uma tarefa apenas a cargo da instituição escolar, mas sim uma cooperação mútua com a família. Deste modo, dada a influência que o envolvimento dos pais tem na vida escolar das crianças e adolescentes, é imprescindível que estes adotem uma atitude mais envolvente e responsiva, bem como um maior acompanhamento e controlo na vida escolar dos filhos.

De acordo com os estudos de Steinberg (1992) um estilo autoritativo e um maior envolvimento parental na escola, por parte dos pais, estão associados a um maior sucesso escolar por parte das crianças e adolescentes. Nesse sentido os estudos desenvolvidos revelam que os adolescentes que caracterizam os pais como tratando-os calorosamente, com firmeza e democracia estão mais propícios a obter melhores resultados académicos comparativamente aos restantes estilos (Dornbusch et al., 1987; Glasgow et al., 1997; Steinberg et al., 1992). Estes autores salientam ainda que o impacto do estilo autoritativo no desempenho escolar das crianças e adolescentes é resultado de um envolvimento contínuo nas atividades escolares dos seus filhos, nomeadamente realização dos trabalhos de casa, participação nas reuniões com os professores e no encorajamento para o sucesso escolar mantendo padrões elevados de desempenho.

1.4. Crianças e adolescentes e o uso da internet

A Internet tornou-se um recurso essencial na sociedade atual, sendo um meio de comunicação e conhecimento de extrema utilidade. O seu crescimento, ao longo dos tempos, ocorreu de forma exponencial, sendo significativa a sua presença e impacto na sociedade, sobretudo entre as crianças e adolescentes.

Nos últimos anos, o uso da Internet por crianças e adolescentes tem-se tornado uma prática bastante comum (Johnson, 2010), pelo que o seu contacto com a internet ocorre cada vez mais cedo, a partir dos 5 anos de idade (Hofferth, 2010). Pesquisas realizadas em países desenvolvidos indicam um elevado uso da internet em casa pelas crianças, cerca de 92% (Lee & Chae, 2007; Mumtaz, 2001). Estudos desenvolvidos a nível da Europa indicam que 60% das crianças e adolescentes entre os 9 e os 16 utilizam diariamente a internet e cerca de 33% pelo menos semanalmente (Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafsson, 2011). Este fato explica, de certa forma, a elevada confiança digital evidenciada pelas crianças (92%) em comparação com os seus pais (62%), e a difícil tarefa destes em acompanhá-las, de forma a assegurar uma utilização segura da internet pelos filhos (Livingstone 2007). Segundo o estudo EU Kids (2014), 36% das crianças e adolescentes entre os 9 e 16 anos afirmam ter mais conhecimentos acerca da Internet do que os seus pais. Apesar da baixa competência e confiança digital evidenciadas pelas crianças mais pequenas, a maioria, entre os 11 e os 16 consegue bloquear mensagens de pessoas indesejáveis (64%), encontrar conselhos de segurança online (64%), alterar as configurações de privacidade no seu perfil das redes sociais (56%), comparar sites e avaliar a sua qualidade (56%) e bloquear o spam (51%) (EU Kids Online, 2014).

A literatura demonstra que a internet potencia muitas oportunidades e benefícios às crianças e adolescentes ao nível da comunicação, acesso à informação e o envolvimento em jogos interativos (Johnson, 2010). Por sua vez, pode ajudar as crianças a desenvolver competências cognitivas e sociais (Greenfield & Yan, 2006), aumentar a sua inteligência visual (De Bell & Chapman, 2006) e melhorar a sua aprendizagem (Austin & Reed, 1999). Muitos sites direcionados a crianças promovem o desenvolvimento de funções metacognitivas das crianças, nomeadamente, o planeamento e a procura de estratégias (Tarpley, 2001). Neste sentido, a utilização frequente da internet pode conduzir a um aumento a nível da literacia digital e das competências de segurança na internet.

Face ao uso da Internet pelas crianças e adolescentes, Livingstone (2003) distinguiu três categorias principais da utilização que as crianças fazem da internet, nomeadamente: Entretenimento, Educação e Lúdico-pedagógico. Por sua vez, pode-se referir ainda o Consumismo, sendo que as crianças são abordadas com jogos consumistas (Youn, 2008) tornando-se consumidores ativos (Tufte, 2006).

No que concerne às atividades desenvolvidas pelas crianças e adolescentes na internet, consistem essencialmente na Comunicação, nomeadamente, conversar, enviar de emails e mensagens instantânea; Divertimento, como a realização de jogos online e visualização de vídeos; Informação, nomeadamente, consultar sites, pesquisar informação e realizar trabalhos escolares (Johnson 2011). Os jogos online são apontados como a principal atividade realizada pelas crianças, na medida em que elas despendem um tempo considerável a jogar. O uso de redes sociais, ouvir musica e visitar sites surge também entre as principais atividades realizadas pelas crianças (Net Children Go Mobile, 2014). Outros estudos apontam a realização de trabalhos escolares entre as atividades mais realizadas na internet (Ólafsson, Livingstone & Haddon, 2014).

A literatura salienta algumas características dos pais e crianças que influenciam a utilização da internet por estas. Relativamente às crianças, a idade assume-se como um fator influente, na medida em que as mais novas (9-10 anos) têm menos acesso à internet do que as mais velhas (Valcke et al, 2010). Quanto ao género, as diferenças no uso da Internet prende-se com as atividades realizadas, pelo que as raparigas procuram mais informação e conteúdos educativas, enquanto os rapazes optam mais por atividades recreativas. Em relação aos pais o nível de escolaridade, confiança digital e condição de imigrante parecem influenciar o uso da internet, na medida em que estes pais evidenciam valores mais baixos no acesso à internet (Valcke et al, 2010).

Em Portugal o uso da internet pelas crianças ocorre, em média, a partir dos 9 anos de idade. O acesso é feito sobretudo em casa, com os rapazes a evidenciar um maior uso (80%) comparativamente às raparigas (68%). Fora de casa, nomeadamente na escola, os papéis invertem-se, com as raparigas a liderar o uso da internet (25%), face aos rapazes (12%) (Net Children Go Mobile, 2014). O acesso à internet é feito sobretudo através do computador portátil (60%), colocando Portugal na segunda posição entre os países em estudo (Net Children Go Mobile, 2014). O telemóvel surge a seguir (35%), sendo mais utilizado pelas raparigas, de acordo com o mesmo estudo. Relativamente à idade, os adolescentes entre os 13 e 16 anos evidenciam um maior uso da internet, quer em casa ou na escola, em comparação com as crianças entre os 9 e 12 anos (Net Children Go Mobile, 2014). Em relação aos pais, cerca de 68% usa a Internet, situando-se abaixo da média europeia (85%). No que concerne às atividades, as mais realizadas são: ouvir música (52%), ver vídeo clips e estar nas redes sociais (50%) e trocar mensagens instantâneas (47%). À exceção das redes sociais, liderada pelas raparigas entre os 13 e 16 anos

(71%), os rapazes evidenciam percentagens superiores nas restantes atividades. A realização de jogos sozinho ou contra o computador surge com a quarta atividade mais mencionada, sendo liderada pelos rapazes entre os 9 e 12 anos (Net Children Go Mobile, 2014).

1.5. Crianças e adolescentes e as redes sociais

A proliferação da internet na sociedade atual veio modificar significativamente a forma de comunicação entre as pessoas. A internet tornou-se num dos principais meios de comunicação, sobretudo entre a população mais jovem, não só pela sua acessibilidade e rapidez como também pelas diversas vias de comunicação que oferece, nomeadamente email, salas de chat, jogos interativos, blogues, fóruns, redes sociais, entre outros.

A vida em sociedade envolve o contacto com as pessoas, estabelecimento de novas relações e a necessidade de pertença a um grupo ou comunidade. Com a internet as pessoas encontraram uma nova forma de desenvolver a sua rede de contactos, de forma mais rápida e a uma maior amplitude, através das redes sociais.

O conceito de redes sociais há muito que tem sido usado como forma de definir as relações que ocorrem entre elementos de um determinado sistema social. Nos dias que correm é frequente o uso deste termo associado à internet, referindo-se a uma estrutura constituída por pessoas ou organizações que partilham interesses, motivações, acontecimentos, saberes, experiências, valores e objetivos comuns. Este sistema de rede é criado e mantido através da comunicação partilhada pelos seus membros (Pereira, Pereira & Pinto, 2011).

As redes sociais tiveram a sua origem na década 90, mas foi a partir de 2003 que o seu crescimento foi mais acentuado. Criaram-se redes com as mais variadas funções, nomeadamente conectar pessoas com interesses comuns ou para manter contactos entre amigos, colegas da escola ou familiares (Myspace, Facebook, Instagram, Twiter), redes profissionais, orientadas aos contextos de trabalho (LinkedIn), redes de românticas, orientadas para encontros amorosos (Tinder), entre outros (Costa & Gomes, 2014). As redes sociais foram evoluindo ao longo dos tempos tornando-se cada vez mais interativas com inúmeras possibilidades para os utilizadores, nomeadamente publicação de fotos, enviar mensagens, fazer comentários, editar o perfil do utilizador, comunicar de diferentes formas e adicionar novas pessoas à lista de contactos que vai crescendo rapidamente. A facilidade de conexão entre pessoas, a par das inúmeras potencialidades associadas às redes sociais relacionadas com partilha de informação e de

colaboração, têm sido uma das principais razões para a sua propagação a nível mundial (Costa & Gomes, 2014).

As crianças e adolescentes estão cada vez mais presentes no mundo virtual, sobretudo nas redes sociais, na medida em que acedem cada vez mais à internet e em idades mais precoces. O projeto Eu Kids Online afirma que, em 2010, 24% das crianças entre os 9-12 anos tinha um perfil numa rede social e 58% dos adolescentes entre os 13-16 anos. Em 2014 verificou-se um aumento dos valores, passando a 38% as crianças para as crianças entre os 9-12, e 81% para os adolescentes entre os 13-16 anos (Net Children Go Mobil, 2014). O Facebook destaca-se com a principal rede social usadas pelas crianças e adolescentes das diferentes idades, com uma percentagem de 61%.

Apesar de algumas redes sociais estabelecerem uma idade mínima para a criação de um perfil (13 anos) é preocupante a percentagem de crianças com idade inferior a 13 anos com um perfil numa rede social. Esta situação levanta sérias questões relativamente à sua segurança, nomeadamente, a sua vulnerabilidade face aos riscos da internet e a incapacidade de lidar eficazmente com os mesmos. Apesar das restrições existentes a nível da idade, muitas crianças contornam esta situação, apresentando uma idade que não é a verdadeira, situação corroborada pelos dados da projeto EU Kids Online (2011), em que 27% das crianças europeias, entre os 9-12 anos, apresentam uma idade falsa no seu perfil. Relativamente às configurações de privacidade, o mesmo estudo menciona as baixas competências a este nível evidenciadas pelas crianças e adolescentes, sobretudo as mais pequenas, sendo que não compreendem verdadeiramente o perigo de divulgarem informações pessoais no seu perfil. Uma percentagem significativa de crianças e adolescentes (cerca de 28%) apresentam o perfil público nas redes sociais, acessível aos amigos e a desconhecidos, divulgando informações pessoais como morada e telefone (Eu kids Online, 2011). A par desta situação são também de salientar o conhecimento de novas pessoas e a comunicação online estabelecida com as mesmas. Atendendo que nem todas as pessoas são bem intencionadas, o contacto estabelecido com estas pessoas e a partilha de informações pessoais podem colocar as crianças e adolescentes em situações de perigo, pelo que é de extrema importância a sua sensibilização para as questões de segurança na internet, sobretudo em relação à divulgação e partilha de informações pessoais e contacto com desconhecidos.

No que respeita às crianças e adolescentes portuguesas, de acordo com o estudo Net Children Go Mobil (2014), 76% têm um perfil numa rede social, sendo o Facebook a rede mais

utilizada pela esmagadora maioria das crianças em estudo (97%). Com o avançar da idade verifica-se um aumento significativo do uso de redes sociais, passando de 27% aos 9-10 anos para 80% aos 11-12 anos (Net Children Go Mobil, 2014). As restrições de idade impostas por algumas redes sociais (entre elas o facebook) revelam-se ineficazes quando verificamos um crescimento significativo do uso das redes sociais por crianças com idade inferior a 13 anos. Relativamente às definições de privacidade, cerca de 44% das crianças e adolescentes com perfil em redes sociais afirma tê-lo privado, só disponível para os amigos, com maior percentagem por parte das raparigas (52%) e das crianças de 11-12 anos (61%). O perfil parcialmente privado é evidenciado por 27%, destacando-se novamente as raparigas (32%) e os adolescentes entre os 13-16 anos (35%). O perfil público é mencionado por 29%, com maior incidência nos rapazes (33%) e nos mais novos (39%). Quanto à informação disponibilizada no perfil das redes sociais, 83% disponibiliza o seu apelido, principalmente as raparigas entre os 13-16 anos (93%) e os rapazes entre os 9-12 anos (93%). A divulgação da morada apresenta valores pouco significativos (8%) sendo mais expressiva entre as raparigas dos 13-16 anos. O contacto telefónico é apresentado por 11%, sobretudo raparigas entre os 13-16 anos. Relativamente à escola e a uma idade que não é verdadeira, ambos são mencionados por 67% das crianças e adolescentes, sendo que, face à escola, são os adolescentes que mais a mencionam, sem grandes diferenças entre raparigas (67%) e rapazes (62%), enquanto a idade incorreta é evidenciado sobretudo por crianças entre os 9-12 anos, sendo 71% rapazes e 76% raparigas.

1.6. Riscos na Internet

Apesar dos inúmeros benefícios que a internet pode proporcionar às crianças e adolescentes, esta pode também ser um ambiente potencialmente perigoso (Soeters e Van Schaik, 2006). Os estudos desenvolvidos por Vanlanduyt & De Cleyn (2007) classificaram os riscos na internet em cinco áreas distintas, nomeadamente: O impacto negativo que a Internet pode ter nas relações sociais. Estudos apontam para 42% das crianças sendo vítimas de cyberbullying (Chisholm, 2006; Vanlanduyt & De Cleyn, 2007) e cyberstalking (Kerbs, 2005); Impacto negativo a nível emocional devido à exposição de conteúdos pornográficos, violência e linguagem explícita (Beebe, Asche, Haarison, & Quinlan, 2004; Fleming, Greentree, Cocotti-Muller, Elias, & Morrison, 2006; Mitchell et al., 2005). Muitas crianças afirmaram ter sido ameaçadas online (> 16.7%) (De Rycke, 2007; Valecke, Schellens, Van Keer, & Gerarts, 2007;

Wang, Bianchi, & Raley, 2005), enquanto outras desconhecem os riscos em dar informações pessoais a desconhecidos pela internet (Livingstone, 2003; Youn, 2008); A Internet parece afetar a fisicamente a saúde, sendo apontados a obesidade, menor concentração e dores musculares (Barkin, Ip, Richardson, & Klinepeter, 2006); Impacto negativo na gestão do tempo, resultando na negligência das atividades escolares e menor envolvimento nas atividades familiares devido ao vício na Internet e a (Kerbs, 2005) e o Risco de consumismo e exploração comercial (Livingstone, 2003). Outras ameaças foram salientadas na literatura, nomeadamente, a idade da criança e a natureza dos conteúdos pode dificultar a avaliação da informação apresentada; o perigo associado à divulgação de dados pessoais ou a realização de encontros com pessoas que conheceram através da Internet; o impacto negativo da exposição à pornografia indesejada; a ocorrência e a subsequente impacto de solicitação sexual, e o impacto dos sites de anti-racistas e ódio e o assédio ou ameaças recebidas (Bullen e Harre, 2000).

A exposição aos riscos tende a aumentar com a idade, pelo que 46% das crianças e adolescentes europeias entre os 9-16 anos já experienciaram pelo menos um tipo de risco. Verifica-se assim um aumento de 17% aos 9-10 anos para 69% aos 15-16 anos (Livingstone et al., 2011). De uma forma geral, os países onde se verificam níveis mais elevados de utilização da internet são mais propensos a ter maior percentagem de crianças expostas aos riscos da Internet (Livingstone et al., 2011). Esta situação verifica-se sobretudo nos países a Norte e Este da Europa, sendo que o contrário verifica-se a Oeste e Sul da Europa. Portugal encontra-se entre os países onde a taxa de exposição aos riscos pelas crianças é menor (Livingstone et al., 2011).

Relativamente aos riscos encontrados pelas crianças e adolescentes durante a sua utilização da internet, a literatura faz referência às seguintes áreas: Conhecer pessoas online; Ver imagens sexuais; Sexting (amálgama formada pelos termos ingleses "sex" e "texting" que consiste em receber ou enviar mensagens sexuais), Bullying e Outros riscos ou conteúdos inapropriados (EU Kids Online, 2011). Um estudo europeu (Net Children Go Mobile, 2014), envolvendo sete países, indicou que o risco mais comum prendeu-se com o estabelecimento de contacto online com desconhecidos (29%), seguindo-se a visualização de imagens sexuais (17%) e a receção de mensagens sexuais (sexting) (12%). Em seguida, a consulta de sites onde são publicadas mensagens de ódios dirigidos a determinados grupos (20%), ou promovidos distúrbios alimentares (anorexia, bulimia) (13%). Por sua vez, ter encontros com pessoas que conheceram pela internet (12%); consultar sites onde são abordadas formas de causar ferimentos a si próprio

(11%) e sofrer bullying ou cyberbullying (12%). Por fim, verifica-se a consulta de sites onde as pessoas partilham as suas experiências com drogas (10%), ou discutem forma de cometer suicídio (6%) (Net Children, Go Mobile, 2014). Tal como referido anteriormente a exposição aos riscos tende a aumentar com a idade, sendo que os adolescentes (15-16 anos) estão mais propensos aos riscos que as crianças mais novas (9-10 anos).

Em Portugal, no que concerne à exposição aos riscos, de acordo com as informações do estudo Net Children, Go Mobile (2014), apenas 10% das crianças e adolescentes reportaram sentir-se incomodado, por algo que tenha encontrado na internet, com maior incidência entre as raparigas, sobretudo as mais velhas (13-14 anos), e crianças de famílias de meios socioeconómicos baixos. Em relação aos tipos de risco encontrados, considerando o Bullying, uma em 10 crianças refere ter experienciado esta situação, sobretudo as raparigas (13%) tanto as mais novas (9-10 anos) como as adolescentes de idade intermédia (13-14 anos). Quanto às mensagens sexuais, também designado por Sexting, apenas 5% das crianças e adolescentes portugueses mencionaram ter experienciado esta situação, situando-se abaixo da média europeia (11%). Relativamente aos encontros com alguém que conheceram na internet, 11% das crianças e adolescentes portugueses revelaram ter tido esta experiência, com forte incidência entre os adolescentes acima dos 12 anos. Não se registam diferenças significativas a nível do género e estatuto socioeconómico. Estes valores situam-se abaixo da média europeia (26%). A nível da visualização de imagens sexuais, 27% das crianças e adolescentes portugueses declaram ter visto imagens sexuais nos últimos 12 meses, sobretudo os adolescentes entre 15-16 anos e crianças e adolescentes baixo estatuto socioeconómico.

Relativamente à exposição a outros conteúdos inapropriados, nomeadamente distúrbios alimentares, conteúdos de incentivo à automutilação ou ao consumo de drogas, materiais que promovem discriminação e violência contra certos grupos 10% das crianças e adolescentes portugueses viram um ou mais destes tipos de conteúdos.

As percentagens mais elevadas são referentes a publicação de mensagens que atacam certos grupos (8%), conteúdos que falam sobre ou sugerem formas de automutilação (6%) e conteúdos que incentivam distúrbios alimentares (5%). Estes valores encontram-se abaixo da média europeia (20%, 11% e 13% respetivamente).

¹Sexting - O termo sexting resulta das palavras 'sex' (sexo) e 'texting' (envio de SMS) e significa a troca de mensagens eróticas com ou sem fotos via telemóvel, chats ou redes sociais.

Foram ainda mencionados outros riscos, sendo os valores mais elevados referentes a vírus no computador (15%), uso indevido da sua password/telemóvel para aceder à informação do próprio ou para se passar por este (4%) e uso da sua informação pessoal de uma forma que não gostou (2%). No que respeita à forma como as crianças e adolescentes lidam com os riscos com os quais se deparam na internet, a procura de apoio junto dos pais é a situação mais mencionada, sendo a mãe mais solicitada (68%), em comparação ao pai (53%). Os irmãos (36%) e amigos (32%) surgem posteriormente.

A literatura evidencia o papel preponderante dos estilos parentais a nível dos comportamentos de risco na internet por crianças e adolescentes (Leung e Lee, 2012). A utilização de regras mais restritas, maior envolvimento e mediação no uso da internet diminui a exposição a conteúdos pornográficos ou violentos. O estilo autoritário foi associado a níveis mais baixos de comportamentos de risco na internet (Rosen, Cheever, e Carrier, 2008).

Apesar da facilidade com que as crianças e adolescentes utilizam este recurso, revelam níveis baixos de segurança na Internet. De acordo com estudos realizados 86,3% das crianças a frequentar o ensino primário evidenciam uma utilização insegura da Internet. Neste sentido, são cada vez mais crescentes as preocupações a este nível.

Considerando os riscos a que estão sujeitos, torna-se necessário educar as crianças e adolescentes a este nível, sensibilizando-as para tal (Valcke et al, 2006).

1.7. Mediação Parental

A crescente utilização da internet por crianças e adolescentes conduziu a uma maior preocupação por parte dos pais e outros adultos cuidadores relativamente às questões da segurança na internet. Embora as oportunidades e benefícios sejam evidentes, os riscos existem e devem ser acautelados. A família desempenha um papel crucial na prevenção e controlo do uso da Internet pelas crianças e adolescentes (Duerager and Livingstone, 2012), pelo que deve estar desperta para esta situação e ter um papel ativo a este nível.

A diferença geracional observada face ao uso da Internet pode ser um fator inibidor face ao suporte e controlo providenciado pelos pais, na medida em que a falta de conhecimentos na utilização deste recurso leva a que, muitas vezes, as crianças e adolescentes não sejam devidamente acompanhadas e supervisionadas durante a sua utilização e usem a internet de forma desapropriada (Soeters & Van Schaik, 2006). Estudos mais recentes evidenciam um aumento a

nível das competências digitais dos pais, sendo que muitos pais também já utilizam a internet. Esta situação é benéfica na medida em que reforça o papel dos pais a nível da mediação do uso da internet pelos filhos. Por outro lado a literatura salienta o facto das crianças cujos pais envolvem-se com elas em atividades de leitura online evidenciam uma melhor linguagem expressiva, memória auditiva e melhor planeamento metacognitivo (Johnson, Code,& Zaparyniuk, 2007).

A mediação parental é o meio utilizados pelos pais no apoio, suporte e controlo do uso da internet pelos filhos, consistindo em estratégias regulamentares, práticas e técnicas usadas pelos pais a fim de aumentar os benefícios, diminuir os riscos do uso da internet e ajudar as crianças a lidarem com conteúdos indesejados (Kirwil, 2009, Eastin et al., 2006). Esta pode ser realizada de diferentes formas, nomeadamente: falar ativamente com a criança, sentar-se com ela ou realizar atividades online em conjunto; aconselhá-la face às estratégias de segurança; encorajá-la a utilizar a internet; definir regras e restrições sobre o uso da internet pela criança e usar filtros, ferramentas de controlo parental ou estratégias de monitorização (Duerager e Livingstone, 2012; Eastin et al., 2006).

A literatura salienta três estilos de mediação evidenciados pelos pais, nomeadamente: Factual, Avaliativo e Restritivo (Eastin et al., 2006; Nathanson, 2001). O estilo Factual consiste em explicar à criança como são produzidos e apresentados os conteúdos na dos média, permitindo capacitar a criança com conhecimentos técnicos a este nível. Este estilo permite que a criança se foque nos conteúdos e seja capaz de distinguir a realidade da fantasia (Nathanson & Yang, 2003). O estilo Avaliativo envolve conversas com a criança acerca dos conteúdos da internet, interpretação e explicação do seu significado, avaliar as suas motivações, fazer juízos de valor e distinguir entre fantasia e realidade. A mediação restritiva consiste na implementação e aplicação das regras parentais relacionadas com o uso da Internet (Eastin et al., 2006). Os estilos parentais têm efeitos significativos a este nível, sendo que as técnicas de mediação avaliativa e restritiva são mais utilizadas pelos pais autoritativos. Curiosamente, a nível da mediação restritiva, é de salientar o uso de técnicas de bloqueio sobretudo pelos pais autoritativos (Eastin et al., 2006).

A nível de estratégias de mediação parental, a literatura menciona cinco tipologias, nomeadamente: Mediação Ativa, quando os pais conversam com os filhos sobre o que fazem na internet, sentam-se junto deles enquanto navegam ou realizam atividades online em conjunto; Mediação Ativa da Segurança, quando os pais conversam com os filhos, aconselhando-os sobre

estratégias de segurança; Mediação Restritiva, quando os pais definem regras ou restrições para limitar e regular o tempo, o local de uso e as atividades online; Monitorização, que consiste na verificação dos registos das atividades na internet realizadas pelos filhos após o seu uso; Mediação Técnica, quando os pais fazem uso de softwares e de meios técnicos para filtrar, restringir e monitorizar as atividades dos filhos (Duerager & Livingstone, 2012; EU Kids Online, 2014). A mediação ativa é associada a baixos riscos bem como mais oportunidades e melhores competências digitais para a criança. Mediação ativa da segurança é usada sobretudo após a criança experienciar alguma situação desagradável na internet e como forma de prevenir situações futuras. A Mediação restritiva associa-se a baixos riscos e por conseguinte baixas oportunidades e menores competências digitais, atendendo a um menor uso da internet pela criança. A Monitorização e a Mediação técnica estão associadas a elevadas oportunidades embora não tenham influência na redução dos riscos (Duerager & Livingstone, 2012; EU Kids Online, 2014).

De acordo com o relatório Net Child Go Mobile (2014) a Mediação ativa da segurança é apontada com sendo a estratégia mais utilizada pelos pais europeus (77%), na medida em que a maioria dos filhos afirma receber ajuda dos pais quando se deparam com algo difícil de fazer ou encontrar (68%) e os pais explicam-lhes por que alguns sites são bons ou maus (68%). Segue-se a Mediação ativa do uso da internet (68%) em que os filhos afirmam que os pais falam com eles sobre o que fazem na internet (66%). A mediação restritiva surge posteriormente (65%), em que 60% dos inquiridos não têm permissão dos pais para dar informações pessoais a terceiros na internet. Por fim surge a Mediação técnica (26%), sendo que 51% dos inquiridos afirma que os pais usam um software para prevenir spam, lixo eletrónico e vírus.

Em relação a Portugal, de acordo com o mesmo relatório, 68% dos pais portugueses utilizam a internet, sendo dos valores mais baixos entre os sete países europeus em estudo. No que concerne às estratégias utilizadas pelos pais portugueses a Mediação Restritiva surge como a mais utilizada (77%), sendo as formas de restrição mais usadas pelos pais a proibição de comprar aplicações (79%), registar a localização geográfica (69%) e dar informações pessoais a pessoas na internet (67%). A Mediação ativa do uso da internet surge com a segunda estratégia mais utilizada, com 74%, na medida em que falar com a criança sobre o que faz na internet como a forma de mediação mais utilizada (73%). A Mediação ativa de segurança da criança na internet é usada por 68% dos pais em estudo, e as formas de mediação mais usadas consistem em explicar

às crianças por que alguns sites são bons ou mais (64%), ajudar a criança quando alguma coisa estava a ser difícil de fazer ou de encontrar na internet (61%) e sugerir maneiras de usar a internet de forma segura (60%). A Mediação Técnica é apontada como a estratégias menos usada pelos pais (23%), sendo a utilização de software para evitar spam, emails indesejados e vírus a forma de mediação mais usada (45%).

Face ao exposto verifica-se alguma preocupação dos pais portugueses em proteger e acompanhar os seus filhos na utilização da internet. No entanto, sendo a mediação restritiva a estratégia mais usada, importa referir que, embora possa verificar-se uma redução a nível dos riscos, as crianças e adolescente verão igualmente limitadas as suas oportunidades e benefícios, bem como o desenvolvimento das suas competências digitais. Assim sendo, perante o uso de estratégias de mediação mais restritivas, uma sugestão apropriada pode ser uma campanha sobre a promoção da mediação mais ativa com conselhos sobre como isso poderia ser feito (Helsper, Kalmus, & Hasebrink, 2013)

Apesar do importante papel dos pais na utilização da internet pelas crianças, as pesquisas realizadas a este nível são escassas, sendo que muitas baseiam-se apenas na perspectiva das crianças acerca do apoio e suporte percebido face aos pais (Heim, Brandtzberg & Endstad, 2007), por sua vez, também não consideram os estilos parentais. Neste sentido é pertinente o desenvolvimento de mais estudos acerca dos estilos parentais, contemplando todas as suas dimensões, a perspectiva dos pais e outras variáveis e processos relacionadas com estes.

1.8. Estilos parentais na Internet

O papel parental na utilização da Internet pelas crianças e adolescentes tem sido um tema de grande discussão. A literatura salienta a importância dos pais na mediação do uso da internet pelas crianças e adolescentes (Duerager & Livingstone, 2012), no sentido de as apoiar e proteger dos eventuais riscos que possam encontrar e por outro lado incrementar as oportunidades e benefícios que este recurso confere. Apesar da elevada confiança digital evidenciada pelas crianças e adolescentes (Livingstone, 2007) é salientada a necessidade de uma educação relativamente a uma utilização segura da internet, atendendo aos comportamentos de risco verificados. As crianças não evidenciam um nível de maturidade suficiente para lidar com os riscos, na medida em que uma percentagem significativa (86%) das crianças do 1º ciclo revela uma utilização insegura da internet (Valcke et al, 2010). Os pais por vezes não compreendem a

real dimensão dos riscos (Livingstone e Bober, 2004; Chisholm, 2006) e nem sempre estão despertados para os perigos a que as crianças estão sujeitas e ao uso inseguro que fazem da internet (Soeters e Van Schank, 2006). Esta situação deve-se, muitas vezes, à baixa confiança digital evidenciada, comparativamente aos filhos, criando um fosso geracional face à utilização da internet (Mitchell, Finkelhor e Walak, 2005; Van den Eijnden, Spijkerman, Vermulst, Van Rooij, & Engels, 2010).

A literatura aponta para uma responsabilidade simbólica e material dos pais no desenvolvimento da maturidade na criança, no que toca à internet (Livingstone e Bober, 2004), sendo que o papel material prende-se com a aquisição do computador, permitindo à criança acesso à internet, e o papel simbólico com o estabelecimento de regras, conversar com a criança sobre o uso da internet (Valkenburg, 2002), acompanhá-la enquanto navega na Internet (Eastin et al., 2006), verificar o histórico após a utilização da internet (Eastin et al., 2006) e a instalação de filtros e softwares. O desempenho de ambos os papéis tem por objetivo desenvolver e capacitar utilizadores cibernéticos responsáveis (Beeb et al., 2004).

O estudo do papel parental na utilização da internet por crianças adolescentes é recente, sendo ainda pouco estudado. É necessário compreender como agem os pais a este nível e os fatores que influenciam os seus comportamentos. As pesquisas disponíveis são focadas no controlo e afeto/suporte parental. O controlo parental evidencia o nível de orientação proporcionada pelos pais, a cessação de certos comportamentos na internet e a definição de regras de uso da internet. O afeto parental manifesta-se pelo apelo à comunicação com os filhos sobre a internet e o apoio dado a esse nível (Valcke et al., 2007). O estudo destas duas dimensões remetem para os estilos parentais.

Os estilos parentais, em relação à utilização da internet pelas crianças e adolescentes, são ainda pouco estudados (Wang et al., 2005). Neste sentido, verifica-se a necessidade de estudar famílias com crianças pequenas de forma a perceber o seu desenvolvimento neste âmbito. O controlo e o afeto/suporte parental são duas dimensões que conjugadas dão origem aos quatro estilos parentais, nomeadamente, Autoritativo, Indulgente, Autoritário e Negligente (Baumerind, 1966; Maccoby e Martin, 1983), que caracterizam as atitudes dos pais face aos comportamentos dos filhos.

Relativamente à Internet, o estilo Autoritativo caracteriza os pais com elevados níveis de controlo e afeto, na medida em que acompanham os filhos na utilização da Internet, dando-lhe

orientações e diretrizes de como usar a Internet, conversam com eles sobre o que fazem na Internet, as pessoas que conhecem pela internet, sentam-se e navegam em conjunto com os filhos, incentivam-nos a falar sobre as suas experiência online, por sua vez definem regras e limites relativamente à utilização da internet, explicando aos filhos os motivos subjacentes. O estilo Indulgente é característico dos pais com níveis elevados de afeto que, à semelhança dos pais autoritativos, envolvem-se e acompanham os filhos na utilização da internet, orientado e dando indicações sobre utilização segura da internet. Em contrapartida, estes pais evidenciam baixo níveis de controlo, na medida em que não tendem a disciplinar os seus filhos, não estabelecem regras nem limites quanto à utilização da internet, sendo que as exigências da criança são atendidas no sentido de evitar qualquer tipo de confronto. O estilo Autoritário é evidenciado por pais com baixos níveis de afeto/responsividade e elevados níveis de controlo. Os pais autoritários não se envolvem com os filhos em atividades online, nem têm a preocupação de conversar com eles sobre o que fazem na internet, sendo que definem exatamente o que os filhos devem ver e fazer na internet. Estabelecem regras e limites rígidos sobre a utilização da Internet pelos filhos, não providenciando explicações sobre estas e exigem que sejam cumpridas impreterivelmente pelos estes. Em relação ao estilo Negligente, estes pais são caracterizados por baixos níveis de controlo e afeto, na medida em que não se preocupam em acompanhar os filhos, conversar com eles sobre o que fazem na internet nem satisfazer eventuais necessidades que possam ter a este nível. O mesmo se verifica face ao controlo, sendo que não se preocupam em definir qualquer tipo de regras ou limites, desresponsabilizando-se do seu papel parental a este nível.

Face ao exposto, a literatura salienta o estilo Autoritativo como o mais adequado relativamente ao uso da internet, na medida em que estes pais demonstram uma maior predisposição para orientar e guiar a forma de utilização da internet pelos seus filhos, alertando-os para os perigos a que estão expostos. Estes pais serão mais eficazes na redução da exposição dos filhos a conteúdos inapropriados (Cho & Cheon, 2005).

As pesquisas desenvolvidas sobre a influência dos estilos parentais na utilização da internet por crianças e adolescentes são distintas quanto aos resultados encontrados. Valcke et al. (2010) concluíram que os estilos parentais são preditores do uso da Internet por crianças e adolescentes, sendo esta relação mediada pelo nível de escolaridade dos pais e o seu nível de utilização da internet. A idade dos pais e a condição de imigrante também influenciam o uso da internet. A utilização da internet pela criança é igualmente influenciada pelo controlo

parental, nível de escolaridade dos pais e uso da internet pelos pais. O mesmo verifica-se em relação à experiência dos pais, atitude face à internet e uso desta. Por sua vez, o estilo parental, nível de escolaridade e o comportamento parental (engloba as variáveis experiência, atitude e uso da internet) também influenciam a utilização da internet pelas crianças. As dimensões dos estilos parentais são igualmente salientadas neste estudo e a sua relação com as características dos pais. Nesse sentido, observa-se a influência do género face ao controlo e afeto parental, na medida em que as mães exercem maior controlo e conferem mais afeto. De acordo com Aunola et al. (2000) as mães refletem sobretudo um estilo autoritativo e os pais um estilo autoritário. Relativamente à idade, os pais mais novos são mais controladores e calorosos (Valcke et al., 2010), por sua vez, Wang et al., (2005) e Pauwels et al., (2008) indicam um maior controlo exercido pelos pais mais velhos, sendo menos orientadores. Em relação à escolaridade, os pais com formação superior são mais controladores e afetuosos, sendo a relação mediada pelos conhecimentos existentes relativos à Internet e experiência de uso. Pais com atitude positiva face à internet e maior confiança digital são mais controladores e afetuosos. Em relação à condição de imigrante, este não parece influenciar o controlo e o afeto (Valcke et al., 2010). O contrário é observado nos estudos de Duimel e Haan, (2007), na medida em que pais com historial de imigração revelam-se menos familiarizados com a internet, e por conseguinte exercem menos controlo e são menos orientadores nas atividades realizadas pela criança na internet. Outras pesquisas evidenciam níveis mais baixos de uso da internet face a um maior controlo (Lwin et al. 2008) e uso mais seguro da internet perante um maior afeto parental (Fleming et al. 2006).

Relativamente às características das crianças e adolescentes, a idade influencia o controlo parental, pelo que as crianças mais novas (9-10 anos) são mais controladas pelos pais, sendo consistente com as pesquisas de Lwin et al. (2008); Valkenburg (2002) Wang et al. (2005) e Comissão Europeia (2008). Por sua vez, as crianças com níveis mais baixos de confiança digital são mais controladas e recebem mais afeto dos pais. O género não parece influenciar as dimensões avaliadas, sendo inconsistente com os estudos de Aunola et al. (2000) em que verifica-se um estilo mais autoritativo com as raparigas e mais negligente com os rapazes, e ainda, mais regras e maior comunicação para com as raparigas face aos rapazes (Van Rooji e Van Den Eijden, 2007). Outros estudos realizados indicam que o estilo autoritativo foi o mais evidente entre os pais avaliados, contudo os níveis mais elevados da utilização da internet verificam-se em crianças sujeitas a um estilo permissivo, e o contrário observa-se face ao estilo autoritário. O

nível de escolaridade, os conhecimentos existentes relativamente à internet e a frequência com que os pais utilizam a internet, surgem como moderadores da relação entre os estilos parentais e a utilização da internet pelas crianças e adolescentes (Valcke et al., 2010)

Ihmeideh & Shawareb (2014), nos seus estudos também demonstraram o impacto significativo dos estilos parentais no uso da internet por crianças e adolescentes. O estilo autoritativo é o mais evidenciado pelos pais em estudo, sendo significativamente relacionado com o uso da internet pelas crianças. A internet é valorizada pelos pais, verificando-se uma atitude positiva face a esta, sendo que os pais reconhecem os benefícios da internet e o impacto positivo a nível das aprendizagens efetuadas pela criança.

A influência dos estilos parentais no uso da internet foi igualmente evidenciada nas pesquisas de Horzum e Bekta (2012), sendo o estilo autoritativo o mais percebido entre os pais avaliados. Segundo os autores os objetivos de uso da internet varia de acordo com o estilo parental evidenciado pelos pais, na medida em que a realização de pesquisas, obtenção de informações e a comunicação aumentam perante o estilo autoritativo. Por sua vez, o uso da internet com propósitos educativos é significativamente maior perante os estilos autoritativo e indulgentes, comparativamente aos restantes. Este estudo salienta ainda uma relação significativa entre os estilos parentais e o género da criança, com os pais a revelarem-se mais autoritativos com as raparigas, definindo mais regras e dando-lhes mais apoio no uso da internet. Estes resultados são consistentes com as pesquisas de Aunola et al. (2000).

A relação dos estilos parentais com o uso da internet pelas crianças e adolescentes é evidenciado em outras pesquisas realizadas (Berg, 2011; Rosen, Cheever & Carrier, 2008; Cho & Cheon, 2005; Eastin et al., 2006), sendo o estilo autoritativo o mais evidenciado pelos pais em estudo (Eastin et al. (2006); Rosen (2008). No entanto, outras pesquisas salientaram valores superiores para o estilo permissivo.

Relativamente a Portugal, segundo um estudo realizado, o Research Portugal Report, (Carvalhosa, 2015), a maioria dos pais usa a Internet diariamente (98%), sendo que esta está acessível a partir de casa. O estilo negligente (*laissez-faire*) foi o mais evidente entre os pais em estudo, seguindo-se o estilo autoritativo. Apesar dos pais mencionarem que estão a par da utilização que os seus filhos fazem da internet, evidenciaram baixos níveis de controlo. Os pais são pouco envolvidos nas atividades com a criança na internet, não as acompanhando enquanto utilizam a internet. Evidenciam baixos níveis de afeto e controlo, sendo característico dos pais

negligentes. Neste sentido, torna-se pertinente uma intervenção, no sentido de promover um maior envolvimento e controlo dos pais face à utilização da Internet pelas crianças e adolescentes.

1.9. Pertinência do estudo

O crescente envolvimento das crianças e adolescentes no mundo digital têm suscitado diversas pesquisas, no sentido de compreender de que forma utilizam este recurso. A mediação parental também tem ganhado especial atenção entre as pesquisas realizadas, com o intuito de compreender a forma como os pais apoiam e acompanham os filhos a este nível.

Tendo em conta a escassez de estudos relativamente à influência que os estilos parentais desempenham na utilização da internet por criança e adolescentes pretendemos abordar esse aspeto com enfoque nos pais com baixas competências digitais, baixo nível de escolaridade, baixo contexto socioeconómico e com historial de imigração. Sendo que a literatura evidencia o fosso geracional consideramos pertinente compreender de que forma os pais com lacunas a nível das competências digitais e escolares acompanham e regulam os filhos no uso da internet. Numa perspetiva futura pretende-se promover conhecimentos e estratégias de forma a capacitar os pais para uma intervenção eficaz junto dos seus filhos.

1.10. Questões de estudo e objetivos

No âmbito deste estudo surgiram as seguintes questões:

1. De que forma os estilos parentais influenciam a utilização da internet pelas crianças?
2. Qual a relação entre os estilos parentais e factores como a idade da criança/adolescente, condição de imigrante, ser pai/mãe e nível de escolaridade dos pais?
3. Quais os estilos parentais e as estratégias de mediação e controlo na utilização da internet evidenciados pelos pais com maior e menor qualificações/confiança digital?
4. Quais os principais comportamentos de risco evidenciados pelas crianças e adolescentes na utilização da internet atendendo à idade e ao género?
5. Qual a relação entre as estratégias de mediação do uso da internet e os riscos a que estão sujeitos as crianças e adolescentes?

A nível de objetivos pretende-se, relativamente à utilização da internet: **a)** compreender se o estilo parental evidenciado pelos pais influencia a utilização da internet pelos filhos; **b)** promover o conhecimento sobre os diferentes tipos de estilos parentais, estratégias de mediação dos pais e comportamentos de risco das crianças; e **c)** promover o conhecimento relativamente aos comportamentos adequados e estratégias para a utilização segura da internet pelas crianças e adolescentes.

II – Metodologia

2.1. Participantes

No presente estudo foi utilizada uma amostra de 238 participantes, 119 crianças e adolescentes e respetivo/a pai ou mãe, a estudar em duas escolas do 1º ciclo e 2º e 3º ciclo de um agrupamento de escolas em Loures e a frequentar uma IPSS do mesmo concelho, na freguesia de Camarate, Unhos e Apelação, uma das maiores freguesias do concelho de Loures. As crianças/adolescentes têm idades compreendidas entre os 8 e 17 anos ($M=11,97$, $DP=2,550$), sendo que a maioria (39,5%, $N=47$) tem entre os 8-10 anos. Em relação ao sexo, 51% ($N=57$) dos participantes são do sexo feminino. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria frequenta o 3º ciclo (52%, $N=62$). Por sua vez, verifica-se uma percentagem pouco significativa de crianças e adolescentes a frequentar o 2º ciclo ($N=8$). Relativamente à existência de irmãos, 89% ($N=103$) dos inquiridos respondeu afirmativamente a esta questão, sendo que a maioria tem um irmão (58%, $N=56$).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica das crianças e adolescentes ($N=119$)

Variáveis	N	%
Idade		
8-10	47	39,5
11-13	34	28,6
14-17	37	31,1
Sexo		
Feminino	57	50,9
Masculino	55	49,1
Escolaridade		
1º ciclo	46	38,7
2º ciclo	8	6,7
3º ciclo	62	52,1
Tens irmãos?		
Sim	103	88,8
Não	13	11,2
Quantos irmãos tens?		
0	1	1
1-2	83	84,7
3-4	14	14,3

No que diz respeito aos pais, os inquiridos têm idades compreendidas entre os 29 e 60 anos, sendo a média 41 anos, e cerca de 80% são do sexo feminino. Face à profissão, segundo a classificação de Graffar¹, com base no critério da profissão, a maioria dos pais em estudo (61%) enquadram-se no 5º grau (mão-de-obra indiferenciada) e cerca de 30% no 3º grau (pequenos industriais e comerciantes, empregados e operários qualificados) e 4º grau (pequenos agricultores, operários semiquualificados, escriturários). Em relação ao nível de escolaridade, de acordo com a mesma escala, e com base no segundo critério, nível de instrução, 45% enquadra-se no 3º grau (Ensino médio ou técnico inferior/ 8 a 9 anos de estudo), 36% no 4º grau (Ensino Primário completo/ 6 anos de estudo). Os restantes níveis evidenciam valores pouco expressivos.

Relativamente à nacionalidade, os participantes foram classificados segundo dois critérios, nomeadamente, nacionalidade portuguesa e outra nacionalidade, sendo esta última referente aos que possuem qualquer outra nacionalidade que não seja portuguesa. Assim sendo, cerca de 79% são portugueses, sendo os restantes caboverdianos, angolanos, guineenses, santomenses, moçambicanos e brasileiros. Em relação à naturalidade, os participantes que nasceram em Portugal foram classificados como sendo naturais de Portugal e os que nasceram em países estrangeiros foram classificados como sendo imigrantes. Deste modo, 48% são naturais de Portugal e 35% são imigrantes, oriundos de países Africanos, Brasil e outros, sendo que residem em Portugal há pelo menos 7 anos. Ver (tabela 2)

¹ - **Classificação de Graffar** é uma classificação social internacional estabelecida em Bruxelas, Bélgica pelo Professor Graffar. Este método baseia-se no estudo de um conjunto de cinco critérios – profissão, nível de instrução, fontes de rendimento familiar, conforto do alojamento e aspeto do bairro onde habita. Para a presente investigação serão considerados apenas os critérios profissão, constituído por cinco graus: 1º grau (Diretores de bancos, diretores técnicos de empresas, licenciados, engenheiros), 2º grau (Chefes de secções administrativas ou de negócios de grandes empresas, subdiretores de bancos, peritos, técnicos e comerciantes), 3º grau (Ajudantes técnicos, desenhadores, caixeiros), 4º grau (motoristas, polícias, cozinheiros), 5º grau (trabalhadores não especializados, ex: ajudantes de cozinha, mulheres de limpeza) e o nível de instrução, igualmente composto por cinco graus: 1º grau: Ensino universitário (12 ou mais anos de estudo), 2º grau: Ensino médio ou técnico superior (10 a 11 anos de estudo), 3º grau: Ensino médio ou técnico inferior (8 a 9 anos de estudo), 4º grau: Ensino primário (6 anos de estudo), 5º grau: Ensino primário incompleto (com um ou dois anos de estudo ou analfabetos).

Tabela 2 - Caracterização sociodemográfica dos pais (N=119)

Variáveis	N	%
Idade		
29-34	19	16
35-39	27	22,7
40-44	33	27,7
45-49	23	19,3
50-54	9	7,6
55-60	2	1,7
Total	119	100
Média	41,1	
Desvio Padrão	6,3	
Sexo		
Feminino	93	79,5
Masculino	24	20,5
Profissão		
1º grau	8	7,4
2º grau	1	0,9
3º grau	19	17,6
4º grau	14	13
5º grau	66	61,1
Nacionalidade		
Portuguesa	94	79
Estrangeira	21	17,6
Naturalidade		
Portugal	57	47,9
Imigrante	42	35,3
Tempo em Portugal		
9-17	20	64,5
18-26	7	22,6
27-35	2	6,5
36-44	1	3,2
=>45	1	3,2
Escolaridade		
1º grau (= >12 anos de estudo)	12	11,1
2º grau (10 a 11 anos de estudo)	3	2,8
3º grau (8 a 9 anos de estudo)	49	45,4
4º grau (6 anos de estudo)	39	36,1
5º grau (1 ou 2 anos de estudo ou analfabetos)	5	4,6

2.2. Instrumento

A realização deste estudo foi efetuado com recurso ao método quantitativo, mediante a utilização de questionários de autorrelato aplicados a crianças e adolescentes e respetivo/a pai ou

mãe, de forma a avaliar os estilos parentais face à Internet, as estratégias de controlo e mediação parental e os riscos a que estão sujeitos as crianças e adolescentes.

O questionário direcionado aos pais é constituído por quatro seções. Na seção I pretende-se recolher informação demográfica acerca dos participantes, pelo que serão questionados quanto à idade, sexo, profissão, nacionalidade, naturalidade, tempo de residência em Portugal, no caso de serem imigrantes e nível de escolaridade. Na seção II pretende-se verificar os conhecimentos e a utilização que os pais fazem da internet e redes sociais, sendo que as questões prendem-se com o uso da internet, redes sociais e a sua frequência com que as utilizam, os locais e aparelhos onde utilizam as utilizam, o nível de confiança evidenciada face ao uso da Internet, e quais as redes sociais utilizadas. Na seção III pretende-se obter informação sobre os comportamentos dos pais face à utilização da internet pelos filhos, pelo que será utilizada a escala Internet Parenting Style Instrument (IPSI) (Valcke, Bonte, DeWever, & Rots (2010), composta por 25 questões, sendo 11 relacionadas com o controlo parental e 15 com o afeto parental. Por fim, na seção IV pretende-se saber quais as estratégias de mediação e controlo utilizada pelos pais face à utilização da internet pelos filhos, pelo que serão colocadas oito questões acerca de estratégias de Mediação ativa, 18 sobre Mediação ativa da segurança, seis questões rrelacionadas com Mediação restritiva, quatro questões acerca de Monitorização e quatro sobre Mediação técnica. Por fim serão colocadas 18 questões sobre o conhecimento e uso de determinadas ferramentas ou métodos pelos pais.

A escala de avaliação dos estilos parentais Internet Parenting Style Instrument (IPSI) foi desenvolvida por Valcke, Bonte, DeWever, & Rots (2010) e pretende avaliar os comportamentos e atitudes dos pais face à utilização da Internet pelos seus filhos. É constituída por duas sub-escalas: Controlo Parental e o Afeto Parental, num total de 25 itens, avaliados numa escala de Likert de 1 (Nunca) a 5 (Sempre). O Controlo parental é constituído por 11 itens, divididos por três dimensões: Supervisão, composta por quatro itens (ex.: *“Eu uso um software especial para bloquear determinados sites da internet para o meu filho/a.”*), Cessão do uso da Internet, composta por dois itens (ex.: *“Eu interrompo o meu filho/a quando eu vejo que ele/a está a conversar no chat”*) e Regras de uso da Internet, composta por cinco itens (ex.: *“Eu só deixo o meu filho/a navegar na internet em dias e horários específicos (por exemplo, só quarta-feira à tarde)”*). O Afeto Parental é constituído por 14 itens, divididos por duas dimensões: Comunicação, composta por 11 itens (ex.: *“Eu defino as regras de uso da internet, juntamente com o meu filho/a”*) e Suporte, composto por 3 itens (ex.: *“Eu mostro ao meu filho/a sites*

adequados para as crianças (biblioteca, músicas, artesanatos, site da escola, etc.) ”).

Relativamente às qualidades psicométricas, esta escala reflete uma boa consistência interna, com os valores de alfa de Cronbach de 0,90 para o Afeto Parental e 0,78 para o Controlo Parental. No presente estudo os valores do alfa de Cronbach são de 0,96, para o total de itens, 0,90 para o Controlo Parental e 0,93 para o Afeto Parental.

Na avaliação da mediação parental será utilizado um conjunto de estratégias (Duerager & Livingstone, 2012; EU Kids Online, 2014), no qual são definidas cinco tipologias de estratégias de mediação utilizadas pelos pais, nomeadamente: Mediação ativa, composta por oito itens - é caracterizada pela presença dos pais durante a utilização da internet pela criança ou adolescente, conversando com ela sobre as atividades que desenvolve online (ex.: *Senta-se com ele/ela, enquanto ele/ela usa a internet*); Mediação ativa da segurança da criança, composta por 6 itens - na qual os pais orientam as atividades da criança ou adolescente para que ela navegue de uma forma segura, ajudando-a ou discutindo o que fazer em caso de dificuldades (ex.: *Falou com o/a seu/sua filho/a sobre o que fazer se algo o/a incomodar na internet*); Mediação Restritiva, composta por seis itens - consiste na imposição de regras que restringem atividades online, nomeadamente, não utilizar certas aplicações, não usar a Internet para determinadas atividades, não deixar fornecer informação pessoal, ente outros (ex.: *O/A seu/sua filho/a tem permissão para dar informações pessoais a outras pessoas na internet?*); Monitorização, composta por quatro itens - na qual os pais conferem o histórico de navegação após a utilização da criança (ex.: *Às vezes verifica quais os sites que ele/ela visitou?*), e Mediação técnica, composta por quatro itens - consiste na utilização de software para filtrar, restringir ou monitorizar a utilização que a criança ou adolescente faz da Internet (ex.: *Utiliza ferramentas de controlo parental ou outros meios para bloquear ou filtrar alguns tipos de sites?*). Para cada uma das cinco tipologias de estratégias mencionadas será colocada uma questão, seguida de diversos itens, como os exemplos mencionados, aos quais os pais deverão dar uma resposta, utilizando a escala de Likert de 5 pontos apresentada para o efeito.

O questionário aplicado às crianças e adolescentes é constituído por três seções. Na seção I pretende-se recolher informação demográfica acerca dos participantes, pelo que serão questionados quanto à idade, sexo, nível de escolaridade, a existência de irmãos e as suas idades. Na seção II pretende-se verificar os conhecimentos e a utilização que fazem da internet e redes sociais, sendo que as questões prendem-se com o uso da internet, redes sociais e a sua frequência

com que as utilizam, os locais e aparelhos onde utilizam as utilizam, o nível de confiança evidenciada face ao uso da Internet, e quais as redes sociais utilizadas. Na seção III pretende-se avaliar os comportamentos de risco evidenciados elas crianças e adolescentes no uso da internet, pelo que será apresenta uma lista de diferentes situações de risco (Sonia Livingstone, Ellen Helsper, 2011), às quais a criança deverá responder utilizando a escala apresentada para o efeito. Serão apresentados 35 comportamentos, sendo três relacionadas com a visualização de imagens sexuais (ex.: *Ver imagens ou vídeos de pessoas a fazer sexo*), oito sobre bullying (ex.: *Foram divulgadas ou publicadas mensagens desagradáveis sobre mim na internet*), oito acerca de mensagens sobre sexo (sexting) (ex.: *Receber imagens/vídeos pornográficos de amigos ou conhecidos*), quatro relacionadas com novos contactos online e offline (ex.: *Marcar encontros, pela internet e/ou telemóvel, com alguém que não conhecia pessoalmente*), seis questões sobre o uso indevido de informações pessoais (ex.: *Alguém usar a minha senha de acesso ao meu perfil e fazer-se passar por mim*), e por fim, seis questões sobre outro tipo de perigos (ex.: *Visitar sites sobre partilha de experiência sobre consumo de drogas*). Nesta seção serão ainda colocadas questões relacionadas com a exposição a situações de risco (ex.: *Nos últimos 2 meses, alguma vez ofenderam-te através da Internet ou do telemóvel?*) e estratégias para lidar com estas situações (ex.: *Falas com os teus pais ou outros adultos de confiança sobre o problema*).

2.3. Procedimentos

A autorização para a realização do estudo foi solicitada junto de um agrupamento de escolas, de uma Escola Secundária e de uma IPSS, no entanto, não foi obtida resposta por parte da escola Secundária, pelo que foram envolvidas as duas instituições referenciadas. Após a autorização por parte das entidades foram entregues em ambas as escolas e na IPSS o consentimento informado para serem enviados aos pais para a sua participação e dos filhos no estudo.

Para a participação no estudo foram definidos como critérios de seleção dos participantes a idade das crianças e adolescentes e a ausência de limitações cognitivas que impedissem a compreensão e preenchimento do questionário. A seleção dos participantes foi efetuada aleatoriamente, sendo que nas escolas as turmas foram selecionadas pelo diretor, e na IPSS a seleção dos participantes foi efetuada pela técnica do Centro de Apoio ao estudo. No total foram

entregues 340 consentimentos informados aos pais, sendo que apenas 185 foram devolvidos e autorizada a participação dos alunos no estudo.

Quando devolvidos os consentimentos, foi articulado com o diretor do agrupamento e a coordenadora da escola do 1º ciclo os dias para a aplicação do questionário aos alunos, em contexto de sala. O questionário foi aplicado a algumas turmas de cada ano de ensino (3º ao 9º), selecionadas pelo diretor, e apenas aos alunos que devolveram a autorização assinada pelos pais. No mesmo momento foi entregue a cada participante um envelope com o questionário a ser preenchido pelo pai ou mãe. A devolução dos mesmos foi efetuada pela mesma via e posteriormente devolvidos à investigadora pelo diretor. Relativamente à IPSS, a articulação foi efetuada com a técnica do apoio ao estudo. A aplicação dos questionários foi efetuado a algumas crianças que frequentam esta valência, em contexto de sala segundo os procedimentos efetuados nas escolas. Aplicaram-se 185 questionários a crianças e adolescentes. Quanto aos pais, dos 185 questionários enviados para serem preenchidos, foram devolvidos 119, sendo que três deles estavam incompletos, não podendo ser contemplados na recolha de algumas informações necessárias.

Atendendo a algum atraso na conclusão dos questionários e na devolução das autorizações pelos pais a recolha de dados ocorreu perto do final do ano letivo (Maio/Junho) nas escolas e no mês de julho na IPSS.

-----Esta página foi deixada propositadamente em branco-----

III - Resultados e Discussão

3.1. Resultados

3.1.1. Uso da internet e redes sociais

A análise aos resultados apurados demonstrou uma elevada taxa de utilização de internet pelas crianças e adolescentes (94%), sendo a casa o local de maior utilização da internet. Em relação aos pais, a situação é semelhante, com uma taxa de utilização de aproximadamente 87%. Relativamente à frequência de uso, cerca de 79% das crianças e adolescentes afirma aceder diariamente, o mesmo acontece com os pais, sendo a percentagem ligeiramente inferior, 76%. Quanto aos locais de acesso, a casa é o local onde mais se utiliza a Internet pelas crianças e seus pais. Das crianças que utilizam a Internet (N=108) 98% acede em casa, 32% na escola e 33% em espaços públicos ou outros locais. Em relação aos pais que utilizam a Internet (N=102), 94% acede a partir de casa, 46% do trabalho e 32% de espaços públicos ou outros locais. O telemóvel é o dispositivo mais utilizado por ambos, para o acesso à internet, com os pais a evidenciarem valores mais elevados (97%). O tablet e o portátil são igualmente muito utilizados pelas crianças e adolescentes, enquanto que os pais preferem o portátil e o computador de secretária. Em relação à confiança digital, curiosamente, os filhos (50,5%) evidenciam menor confiança no uso da Internet do que os pais (75%).

Tabela 3 - Uso da internet por crianças e adolescentes e pais (N=119)

Variáveis	Filhos		Pais	
	N	%	N	%
Usas a internet?				
Sim	108	93,9	102	87,2
Não	7	6,1	15	12,8
Se sim, quantas vezes?				
Diariamente	85	78,7	77	76,2
Semanalmente	12	11,1	17	16,8
<= Mensalmente	11	10,2	7	7
Em que aparelhos?				
Telemóvel	86	88,7	85	96,6
Tablet	68	73,1	38	64,4
CPU portátil	68	73,1	58	78,4
CPU secretária	33	42,9	42	65,6

Uso da internet por crianças e adolescentes e pais (N=119) (continuação)

Variáveis	Filhos		Pais	
	N	%	N	%
Sentes-te confiante a usar a internet?	N	%	N	%
Pouco confiante	43	41	18	17
Confiante	50	47,6	61	57,5
Muito confiante	3	2,9	18	17

No que respeita à utilização das redes sociais, não se verificam diferenças entre pais e filhos, sendo que ambos apresentam uma taxa de utilização de 84%. Quanto à frequência de uso, 70% dos filhos afirmam utilizá-las diariamente e 65% dos pais utilizam-nas com a mesma frequência. Relativamente ao tipo de redes sociais utilizadas, o Facebook é a rede mais usada por ambos, embora nesta situação, com uma maior utilização por parte dos pais, sendo que 98% dos pais que utilizam as redes sociais (n=92) têm uma conta nesta rede. Relativamente às crianças e adolescentes o Facebook é utilizado por 87% das crianças que usam as redes sociais (N=94). São também utilizadas outras redes sociais pelas crianças e os pais, nomeadamente Whatsapp (60% e 34%), Instagram (50% e 21%), Twitter (29% e 7%), Viber (9% e 19%) Snapchat (26%), sendo apenas pelas e LinkedIn (19%), apenas pelos pais e outras redes não especificadas (12%), apenas pelas crianças. De uma forma geral pode-se afirmar que as crianças utilizam um maior número de redes sociais comparativamente aos pais.

Tabela 4 - Utilização das redes sociais pelas crianças e adolescentes e os pais

Variáveis	Filhos		Pais	
	N	%	N	%
Usa as redes sociais?				
Sim	94	83,9	92	83,6
Não	18	16,1	18	16,4
Se sim, quantas vezes				
<= Mensalmente	9	9,6	6	7
Semanalmente	19	20,2	24	27,9
Diariamente	66	70,2	56	65,1

Relativamente ao perfil nas redes sociais, cerca de 51% (N=91) das crianças e adolescentes tem o perfil público, possibilitando a sua visualização por qualquer pessoa dentro o fora da sua rede de amigos, ou então desconhecem o seu estado. Por outro lado, as restantes têm-

no parcialmente privado (17%) ou privado (33%), sendo que apenas os amigos ou amigos dos amigos podem ter acesso a este. Relativamente à informação visível no seu perfil, o apelido é a mais divulgada (92%, N=95), seguindo-se uma idade que não corresponde à verdadeira (61%, N=87), a escola (53%, N=85), a idade verdadeira (29% N=84), o telefone (22%, N=83), sendo a morada a menos divulgada (8,5%, N=82).

Tabela 5 - Perfil das crianças e adolescentes nas redes sociais

Variáveis	Filhos	
	N	%
O teu perfil, nas redes sociais é...		
Não sabes	12	13,2
Público	34	37,4
Parcialmente privado	15	16,5
Privado	30	33

3.1.2. Riscos na internet

No sentido de verificar os comportamentos de risco evidenciados pelas crianças e adolescentes, foi utilizada uma lista com 35 comportamentos de risco identificados na literatura. Estes comportamentos foram divididos em cinco categorias de riscos, nomeadamente: Imagens sexuais, Bullying, Sexting¹, Contactos Online/Offline, Uso indevido de informações pessoais e Outros riscos.

A avaliação realizada à informação recolhida aponta, de uma forma geral, para um baixo índice de comportamentos de riscos evidenciados pelas crianças e adolescentes em estudo. Os comportamentos com maior incidência prendem-se com os Contactos online/offline, evidenciado por 27,7% das crianças e adolescentes, seguindo-se o Sexting e a Visualização de imagens sexuais, com 4,5% e 4,4%, posteriormente, o Uso indevido de informações pessoais, com uma taxa de 3,6%, e por fim o Bullying, com apenas 0,9%. Relativamente a Outros riscos, não se registaram ocorrências significativas.

Tabela 6 - Comportamentos de riscos na internet evidenciados pelas crianças e adolescentes (N=119)

Variáveis	N	%
Imagens sexuais	5	4,4
Bullying	1	,9
Sexting	5	4,5
Contactos online/offline	31	27,2
Uso indevido de informações pessoais	4	3,6
Outros riscos	0	0

Relativamente aos contactos online e offline são de salientar a procura de novos amigos na internet, reportado por 48% dos participantes; adicionar à lista de amigos, nas redes sociais, pessoas que não conhecem pessoalmente, 28%, e ter encontros com pessoas que conheceram pela internet, cerca de 16%.

A nível do sexting, salienta-se a abordagem de outras pessoas, pela internet, para falar sobre atos sexuais (96%); a receção de pedidos, pela internet, de fotos ou vídeos das suas partes privadas e a receção de imagens/vídeos pornográficos por parte de amigos ou conhecidos (ambos com 11%). Em relação a imagens sexuais, revelam a visualização de imagens ou vídeos de pessoas nuas (6%) e a visita de sites pornográficos (8%). Sobre o uso indevido de informações pessoais revelam o envio de fotos ou vídeos pessoais a amigos ou conhecidos, com 68% dos inquiridos a reportarem este comportamento, e o uso indevido da sua senha de acesso ao perfil nas redes sociais e fazer-se passar por eles (8%). Quanto ao bullying os participantes mencionam a divulgação ou publicação de mensagens desagradáveis sobre si na internet (4%) e terem sido ameaçados pela internet (5%). Relativamente a outros riscos os participantes mencionam, sobretudo, fingirem ser uma pessoa diferente na internet (12%).

Ainda referente aos riscos, os participantes foram questionados sobre eventuais situações de bullying que possam ter experienciado nos últimos dois meses. De acordo com as informações recolhidas as situações mais recorrentes foram o facto de terem sido excluídos de jogos ou grupos online (12%, N=110); alguém ter entrado na sua conta de email e ter enviado emails ofensivos aos seus contactos (6,3%, N=112) e terem sido ofendidos pela Internet ou telemóvel (5,4%, N=112). Estas situações ocorreram uma ou duas vezes e os meios mais utilizados para o efeito foram grupos online e o telemóvel. Os participantes foram também abordados sobre situações de bullying, na qual tenha estado na condição de agressor, sendo que as situações mais mencionadas foram a ofensa a outras pessoas através da internet ou telemóvel (8%, N=113) e a exclusão de alguém de um jogo ou grupo online (12%, N=112). Estas situações ocorreram apenas uma ou duas vezes, e sobretudo através do telemóvel, salas de chat ou grupos online.

Face as situações incómodas ou desagradáveis que possam ter experienciado, nomeadamente, quando alguém diz ou faz algo que as magoa, 68% (N=110) refere que as bloqueia, impossibilitando novas tentativas de contacto, 51% (N=111) afirma falar com os pais ou adultos de ainda ou ainda com amigos (43%, N=110) sobre o problema, 50% (N=110) apagam

as mensagens, 42% (109) denunciam a situação ou deixam de usar a internet durante algum tempo (23%, N=111).

Tabela 7 - *O que fazes quando alguém diz ou faz algo desagradável ou que te magoa?*

Variáveis	N	%
Deixas de usar a internet por algum tempo	25	22,5
Apagas todas as mensagens da pessoa que enviou	55	50
Bloqueias essa pessoa	75	68,2
Denuncias o problema	46	42,2
Falas com os teus pais ou outros adultos de confiança sobre o problema	56	50,5

Considerando as questões colocadas no âmbito deste estudo, pretende-se verificar os principais comportamentos de risco evidenciados pelas crianças e adolescentes na utilização da internet, tendo em conta a sua idade e o género. Para tal, foi efetuada uma análise de correlação. Os dados apresentados evidenciam uma fraca correlação negativa entre os riscos online/offline e a idade das crianças e adolescentes ($r=-.349$, $p=0,000$). Em relação ao género, não se verifica qualquer correlação entre as variáveis em estudo.

Tabela 8 - *Correlação entre comportamentos de risco e a idade e o género das crianças e adolescentes*

Variáveis		Imagens sexuais	Bullying	Sexting	Contactos Online/offline	Uso indevido de informações	Outros riscos
Idade	r	-,173	. ^a	-,009	-,349**	-,009	. ^a
	p	,065		,926	0	,926	
	N	114	114	114	114	114	114
Sexo	r	-,048	. ^a	-,098	-0,158	,094	. ^a
	p	,621		,311	0,1	,328	
	N	110	110	110	110	110	110

Realizou-se posteriormente uma análise Qui-quadrado, a qual evidenciou valores significativos entre os contactos online/offline e a idade ($X^2=15,024$, $p<0,01$). Assim sendo, verifica-se que os adolescentes entre os 14-17 anos são os que mais evidenciam este tipo de comportamento (52,8%, N=36). O contrário observa-se em relação às crianças mais novas, na faixa etária dos 8-10 (0%, N=45), que são as que menos apresentam este tipo de comportamentos.

Ainda em relação aos comportamentos de risco demonstrados pelos adolescentes entre os 14-17 anos, salienta-se a visualização de imagens sexuais, evidenciado por 8,3% (N=36), embora os valores não sejam significativos ($X^2=3,623$, $p=,163$). Para os adolescentes entre os 11-13 os principais comportamentos de risco relacionam-se com o sexting (9,1%, N=33), e o uso indevido

de informações pessoais (6,3%, N=32) sendo que para ambos os casos os valores também não são significativos ($X^2=3,839$, $p=,147$ e $X^2=2,708$, $p=,258$, respetivamente). Por último, em relação às crianças entre os 8-10, os comportamentos de risco referem-se essencialmente a situações de bullying (2,2%, N=45), não se verificando também valores significativos ($X^2=1,547$, $p=,461$).

A nível do género, embora os resultados apresentados não sejam significativos para nenhuma das situações, verifica-se mais comportamentos de risco evidenciado pelas raparigas, nomeadamente situações de bullying (1,8%, N=56; $X^2=,973$, $p=,324$); sexting (5,5%, N=55; $X^2=,155$, $p=,694$) e uso indevido de informações pessoais (5,4%, N=56; $X^2=,928$, $p=,335$). Relativamente aos rapazes, salienta-se a visualização de imagens sexuais (5,4%, N=54), e os contactos online/offline (29,6%, N=54%). Em relação a este tipo de riscos são de salientar a realização de encontros com pessoas que conheceram através da internet, evidenciado por cerca de 10% dos participantes, nomeadamente, 2,7% para as raparigas e 7,1% para os rapazes.

3.1.3. Estratégias de mediação parental

No que respeita às estratégias de mediação parental, a análise realizada à informação recolhida indica que, de uma forma geral, a mediação ativa da segurança é a mais utilizada por estes ($M=3,51$; $DP=1,000$), sendo que “*Dar sugestões de como se comportar em relação a outras pessoas na internet*” é a prática mais evidenciada pelos pais ($M=3,94$; $DP=1,106$). A mediação ativa do uso da internet é também bastante utilizada pelos pais ($M=3,26$; $DP=1,013$), na medida em que estes afirmam, frequentemente, “*Falar com o/a filho/a sobre o que faz na internet*” ($M=3,77$; $DP=1,065$). A mediação técnica é a estratégia menos utilizada pelos pais, com 57% destes a mencionarem que “nunca” ou “raramente” utilizam as ferramentas mencionadas.

Tabela 9 - Médias das estratégias de mediação parental utilizadas pelos pais

Variáveis	N	M	DP
Mediação Ativa	114	3,26	1,013
Mediação Ativa da Segurança	113	3,51	1,000
Mediação Restritiva	108	2,85	1,040
Monitorização	106	2,85	1,278
Mediação Técnica	108	2,55	1,271

Com o intuito de verificar as características dos pais que utilizam as diferentes estratégias foi efetuada uma análise de comparação de médias. Os resultados indicam que a MAS é mais

utilizada por pais entre os 40-44 anos, do sexo feminino, com profissões enquadráveis no 4º grau, de nacionalidade portuguesa, naturais de Portugal e com a baixa escolaridade, ao nível do 3º grau. Relativamente às estratégias de MA, são utilizadas por pais entre os 40-45 anos, do sexo feminino, escolaridade e profissão a nível do 3º grau, com nacionalidade portuguesa, naturais de Portugal. Na MR destaca-se os pais com 55-60 anos, do sexo masculino, escolaridade e profissão ao nível do 4º grau, de nacionalidade portuguesa mas com a condição de imigrante. Quanto à M, são sobretudo pais com 45-49 anos, do sexo feminino, com a escolaridade e profissão ao nível do 4º grau, nacionalidade portuguesa e naturais de Portugal. Por fim, a MT é mais utilizada por pais entre os 29-34 anos, do sexo feminino, com situação profissional enquadrável no 5º grau, e escolaridade a nível do 3º grau, de nacionalidade portuguesa e naturais de Portugal.

No que respeita a uma das questões de investigação colocadas, referente às estratégias de mediação e controlo evidenciadas pelos pais com maior e menor confiança digital e qualificações escolares foi efetuada uma recodificação das variáveis confiança digital e escolaridade em novas variáveis. Para a confiança digital, a escala de likert, de cinco pontos (1- nunca usei a 5 – muito confiante) existente para classificar esta variável foi recodificada em novos valores, pelo que os valores de um a três (inclusive) passaram a um, e os valores quatro e cinco passaram a dois, dando origem a uma nova escala de dois pontos (1- baixa confiança, 2-alta confiança). Em relação à escolaridade os procedimentos foram semelhantes, pelos que os valores de um a três, correspondentes ao 5º, 4º e 3º grau, passaram a 1 (baixas qualificações) e os valores quatro e cinco, correspondentes ao 1º e 2º grau, passaram a 2 (elevadas qualificações).

A análise realizada indica que a MAS da criança é a mais utilizada pelos pais como elevada e baixa confiança digital (M=3,60 e M=3,37 respetivamente), sendo que o contrário verifica-se em relação à MT (M=3,33 e M=3,04 respetivamente). A MR encontra-se entre as mais utilizadas pelos pais com baixa confiança digital, enquanto nos pais com elevada confiança digital a MA surge como a mais utilizada, após a MAS.

Tabela 10 - *Estratégias de mediação utilizados por pais com baixa e elevada confiança digital*

Variáveis	MA	MAS	MR	M	MT
Baixa confiança digital					
M	3,15	3,37	3	2,46	2,48
DP	0,77	0,926	0,938	1,141	1,122
N	27	27	26	24	25

Tabela 11 - Estratégias de mediação utilizados por pais com baixa e elevada confiança digital (continuação)

Variáveis	MA	MAS	MR	M	MT
Elevada confiança digital					
M	3,4	3,6	2,7	3,03	2,61
DP	1,049	0,99	1,017	1,303	1,314
N	78	77	74	74	75

Quanto às qualificações, a MAS é a mais utilizada por ambos os pais, seguindo-se a MA. Curiosamente, ao contrário do esperado, observa-se que os pais com baixas qualificações evidenciam, de maneira geral, uma maior utilização de todas as estratégias, comparativamente aos pais com altas qualificações. Torna-se pertinente, um estudo mais aprofundado de forma a compreender quais os fatores que contribuem para esta situação.

Tabela 12 - Estratégias de mediação utilizados por pais com maior e menor qualificações

Variáveis	MA	MAS	MR	M	MT
Baixas qualificações					
M	3,24	3,53	2,89	2,87	2,54
DP	1,042	1,001	1,012	1,297	1,287
N	90	89	85	84	85
Elevadas qualificações					
M	3	3,27	2,73	2,53	2
DP	0,845	0,884	1,1	1,187	0,756
N	15	15	15	15	15

No sentido de verificar a relação existente entre as estratégias e os comportamentos de risco foi efetuada uma análise de correlação. Os resultados evidenciaram uma fraca correlação positiva entre os bullying e as estratégias de MAS ($r=,224$, $p<0,05$) e de M ($r=,201$, $p<0,05$); uma fraca correlação negativa entre os contactos onlie/offline e as estratégias de MA ($r=-,295$, $p<0,01$) e positiva com a MR ($r=,221$, $p<0,05$) e uma fraca correlação positiva entre outros riscos e a MA ($r=,210$, $p<0,05$), MAS ($r=,261$, $p<0,01$), M ($r=,226$, $p=0,05$) e MT ($r=,246$, $p=0,05$).

Tabela 13 - Correlação entre *estratégias de mediação e comportamentos de risco*

Varáveis		Imagens sexuais	Bullying	Sexting	Contactos online/offline	Uso indevido de informações	Outros riscos
MA	r	0,04	0,128	-0,031	-,295**	0,011	,210*
	p	0,68	0,184	0,749	0,002	0,909	0,03
	N	109	109	106	109	107	107
MAS	r	0,077	,224*	0,061	-0,08	-0,006	,261**
	p	0,428	0,02	0,539	0,409	0,954	0,007
	N	108	108	105	108	106	106
MR	r	0,169	0,073	0,066	,221*	0,166	-0,074
	p	0,087	0,464	0,514	0,024	0,096	0,458
	N	104	104	101	104	102	102
M	r	0,056	,201*	-0,064	-0,158	-0,078	,226*
	p	0,573	0,043	0,529	0,112	0,441	0,024
	N	102	102	99	102	100	100
MT	r	-0,025	-0,003	-0,144	-0,132	-0,119	,246*
	p	0,804	0,977	0,151	0,183	0,234	0,013
	N	104	104	101	104	102	102

Posteriormente foi efetuada uma análise Qui-quadrado de forma compreender as correlações Observadas. No sentido de verificar a correlações anteriormente evidenciadas foram efetuadas novas correlações, apenas com os grupos de riscos em questão. Relativamente ao Bullying, a MASC e M influenciam positivamente o “Ser ameaçado pela internet”. Para os Contactos online/offline a MR influência positivamente o “Adicionar à minha lista de amigos, nas redes sociais, pessoas que não conheço pessoalmente” e as MA e M influenciam negativamente. Quanto a Outros riscos a MA, MASC e M tem influência negativa sobre o “Fingir ser uma pessoa diferente na internet”. Os valores encontrados foram apresentados nas tabelas seguintes.

Tabela 14 - Correlação entre os riscos Bullying e as estratégias de mediação parental

Variáveis		MA	MAS	MR	M	MT
Ser alvo de agressividade por parte de outra pessoa na internet	r	0,041	0,062	0,113	0,036	0,087
	p	0,669	0,525	0,252	0,717	0,378
	N	109	108	104	102	104
Foram divulgadas ou publicadas mensagens desagradáveis sobre mim na internet	r	0,014	0,161	0,079	0,16	-0,022
	p	0,888	0,096	0,425	0,109	0,822
	N	109	108	104	102	104

Tabela 13 - Correlação entre os riscos Bullying e as estratégias de mediação parental (continuação)

Variáveis		MA	MAS	MR	M	MT
Foram publicados vídeos desagradáveis sobre mim na internet	r	. ^b	. ^b	. ^b	. ^b	. ^b
	p					
	N	109	108	104	102	104
Ser ameaçado pela internet	r	0,083	,204*	-0,006	,233*	-0,088
	p	0,393	0,035	0,954	0,018	0,372
	N	109	108	104	102	104
Ser chantageado pela internet	r	0,032	0,02	0,035	-0,032	0,024
	p	0,74	0,834	0,725	0,753	0,806
	N	109	108	104	102	104
Ser excluído ou deixado de fora de um grupo de amigos na internet	r	0,077	0,069	-0,033	0,148	0,024
	p	0,429	0,477	0,743	0,137	0,807
	N	109	108	104	102	104
Ser agressivo ou agir de forma a magoar outra pessoa pela internet	r	0,017	0,133	0,021	-0,06	-0,093
	p	0,864	0,17	0,831	0,549	0,346
	N	109	108	104	102	104
Enviar ou publicar imagens, mensagens ou vídeos desagradáveis sobre outra pessoa	r	0,022	0,092	0,169	0,101	0
	p	0,822	0,345	0,086	0,31	0,998
	N	109	108	104	102	104

Tabela 15 - Correlação entre os riscos “Outros riscos “ e estratégias de mediação parental

Outros riscos		MA	MAS	MR	M	MT
Fingir ser uma pessoa diferente na internet	r	-,371**	-,250**	0,171	-,238*	-,416**
	p	0	0,009	0,084	0,016	0
	N	107	107	103	101	103
Visitar um site com imagens violentas e desagradáveis	r	0,037	-0,052	-0,005	-0,029	0,113
	p	0,707	0,597	0,961	0,774	0,262
	N	105	105	101	99	101
Visitar sites sobre mensagens desagradáveis ou de ódio dirigidas a um grupo de pessoas	r	. ^b	. ^b	. ^b	. ^b	. ^b
	p					
	N	107	107	103	101	103
Visitar sites sobre formas de cometer suicídio	r	-0,05	-0,126	-0,109	-0,154	-0,112
	p	0,61	0,195	0,275	0,124	0,261
	N	107	107	103	101	103
Visitar sites sobre partilha de experiência sobre consumo de drogas	r	. ^b	. ^b	. ^b	. ^b	. ^b
	p					
	N	107	107	103	101	103

Tabela 14 - Correlação entre os riscos “Outros riscos “ e estratégias de mediação parental (continuação)

Outros riscos		MA	MAS	MR	M	MT
Visitar sites sobre forma de magoar-se fisicamente	r	-0,031	-0,051	-0,048	0,017	0,066
	p	0,752	0,599	0,628	0,865	0,508
	N	107	107	103	101	103

3.1.4. Estilos parentais na internet

Na presente investigação, o estilo autoritativo é o mais patente entre os pais em estudo (54%), evidenciando deste modo níveis elevados de controlo e afeto relativamente ao uso da internet pelos filhos. São maioritariamente do sexo feminino, a sua situação profissional enquadra-se essencialmente no 5º grau (mão-de-obra indiferenciada), e a escolaridade situa-se ao nível do 3º grau (52%). A maioria tem nacionalidade portuguesa (94%), sendo que 80% é natural de Portugal. O estilo indulgente é evidenciado por 23% dos participantes, sendo maioritariamente do sexo feminino (78%). A escolaridade evidenciada situa-se ao nível do 3º grau e a situação profissional enquadra-se no 5º grau. Relativamente à nacionalidade, 63% são portugueses, embora 75% destes tenham naturalidade estrangeira, contudo residem em Portugal, em média, há cerca de 13 anos. O estilo negligente apresenta uma percentagem semelhante ao indulgente, sendo evidente em 20% dos participantes, a maioria do sexo feminino (75%), com uma idade média de 42 anos. A maioria destes pais evidencia uma escolaridade ao nível do 4º grau (57%) e a situação profissional ao nível do 5º grau. São maioritariamente de nacionalidade portuguesa (74%), mas, sobretudo, de naturalidade estrangeira (61%), a residir em Portugal há muitos anos (M=19). O estilo autoritário é evidenciado apenas por 1,7% (N=2) dos participantes, do sexo feminino, com idades entre os 35-49 anos, com uma situação profissional ao nível do 5º grau e escolaridade enquadrável no 4º grau. Têm nacionalidade portuguesa, sendo que um deles é natural de Portugal e o outro de condição imigrante, a residir em Portugal há mais de 9 anos.

Tabela 16 - Estilos parentais e características dos pais (%)

Variáveis	Negligente N=24	Autoritário N=2	Indulgente N=27	Autoritativo N=63
Idade				
29-34	8,3		14,8	20,6
35-39	16,7	50	33,3	20,6
40-44	20,8		22,2	34,9
45-49	20,8	50	22,2	17,5
50-54	16,7		7,4	3,2
55-60	8,3			
Sexo				
Feminino	75	100	77,8	81
Masculino	25		22,2	19
Profissão				
5º grau	70	100	70,4	52,5
4º grau	10		11,1	15,3
3º grau	10		14,8	22
2º grau			3,7	
1º grau	10			10,2
Nacionalidade				
Estrangeira	25		37	6,3
Portuguesa	70,8	100	63	92,1
Naturalidade				
Imigrante	45,8	50	66,7	17,5
Portugal	29,2	50	22,2	68,3
Tempo em Portugal				
=>45	4,2			
36-44			3,7	
27-35				1,6
18-26	12,5		3,7	4,8
9-17	20,8	50	48,1	6,3
Escolaridade				
5º grau	8,7		3,8	1,8
4º grau	47,8	100	30,8	32,1
3º grau	26,1		53,8	51,8
2º grau			7,7	1,8
1º grau	17,4		3,8	12,5

No que respeita ao uso da internet, verifica-se uma elevada taxa de utilização pelos pais de todos os estilos parentais, com os pais autoritativos a evidenciarem valores mais elevados (97%), não considerando os pais autoritários (100%, N=2). A internet é utilizada diariamente pela maioria dos pais de todos os estilos parentais, nomeadamente, 80% para o estilo autoritativo, 68% e 71% para o indulgente e negligente, respetivamente. A casa é o local onde mais acedem à

internet, e o telemóvel é o aparelho mais utilizado para o efeito, seguindo-se o computador portátil. Em relação à confiança digital, a maioria revela-se confiante quanto ao uso da Internet, com os pais autoritativo a evidenciarem uma maior confiança face aos restantes.

Tabela 17 - Estilos parentais e uso da internet pelos pais (%)

Variáveis	Negligente	Autoritário	Indulgente	Autoritativo
Usas a internet?				
Sim	70,8	100	81,5	96,8
Não	29,2		18,5	3,2
Quantas vezes?				
<=Mensalmente	17,7		4,5	5
Semanalmente	11,8		27,3	15
Diariamente	70,6	100	68,2	80
Em que aparelhos?				
Telemóvel	100	100	94,7	96,2
Tablet	55,6		58,3	70,3
CPU portátil	90	50	87,5	73,9
CPU secretária	70		58,3	70
Sentes-te confiante a utilizar a internet?				
Nada confiante			4,3	3,2
Pouco confiante	10,5	50	21,7	16,1
Confiante	63,2	50	47,8	59,7
Muito confiante	15,8		17,4	17,7

Quanto às redes sociais, estas são utilizadas pela maioria dos pais dos diferentes estilos parentais, sobretudo pelos pais autoritários (100%) e autoritativos (90%) e com uma frequência diária. Entre as redes sociais utilizadas, o facebook e a mais frequente pelos pais dos diferentes estilos parentais, apresentado uma taxa de utilização acima dos 90% em todos os estilos.

Tabela 18 - Estilos parentais e uso das redes sociais (%)

Variáveis	Negligente	Autoritário	Indulgente	Autoritativo
Usa as redes sociais?				
Sim	61,9	100	84	90,3
Não	38,1		16	9,7
Quantas vezes				
<=Mensalmente	16,7		5,3	5,7
Semanalmente	33,3		36,8	24,5
Diariamente	50	100	57,9	69,8

Relativamente às estratégias de mediação foi efetuada uma análise de correlação tende se verificado um relação significativa entre os estilos parentais as estratégias, apresentando os

valores evidenciados, MA ($r=,675$, $p<0,001$), MAS ($r=,650$, $p<0,001$), M ($r=,453$, $p<0,001$), MT ($r=,482$, $p<0,001$) e MR, $r=-,197$, $p<0,05$.

Foi igualmente efetuada uma análise de comparação de médias (tabela 19). Os pais autoritativos utilizam com maior frequência estratégias de MAS ($M=4,03$) e MA do uso da internet ($M=3,77$), sendo a MR a menos utilizada ($M=2,61$). Os pais indulgentes também recorrem com mais frequência a estratégias de MAS ($M=3,27$), embora a MR seja frequentemente utilizada ($M=3,08$). Quanto aos pais autoritários verifica-se uma maior utilização da M ($M=3,88$) e da MR ($M=3,33$). Os pais indulgentes evidenciam um maior uso da MR ($M=3,07$) e MAS ($2,40$). De um modo geral, não se verificam diferenças consideráveis quanto às práticas utilizadas nas diferentes estratégias, considerando os estilos parentais. Assim sendo, os pais tendem, sobretudo, a falar com os filhos sobre o que estes fazem na internet, no que concerne à mediação ativa, e a dar sugestões sobre a utilização segura da internet, relativamente à mediação ativa da segurança. A nível da mediação restritiva, os pais proíbem, essencialmente, a transmissão de informações pessoais a outras pessoas na internet, e face à monitorização, verificam, com alguma regularidade o perfil dos filhos nas redes sociais. Por fim, quanto à mediação técnica, os pais salientam o uso de um software para prevenir lixo eletrónico.

Tabela 19 - *Estilos parentais e estratégias de mediação parental*

Variáveis		MA	MASC	MR	M	MT
Negligente	M	2,09	2,35	3,18	1,77	1,59
	DP	0,668	0,885	1,181	0,752	0,59
	N	23	23	22	22	22
Autoritário	M	3	3,5	3	4	2
	DP	1,414	0,707		1,414	1,414
	N	2	2	1	2	2
Indulgente	M	2,85	3,26	3,04	2,5	1,92
	DP	0,534	0,712	1,02	1,022	0,759
	N	27	27	25	24	25
Autoritativo	M	3,89	4,07	2,65	3,36	3,19
	DP	0,77	0,704	0,971	1,238	1,279
	N	62	61	60	58	59

Em relação às crianças e adolescentes sujeitas ao estilo autoritativo, são sobretudo crianças entre os 8-10 anos (57%), sendo a maioria do sexo masculino (64%), e a frequentar o 1º ciclo. 95% usa a internet, sendo que 75% o faz diariamente, utilizando sobretudo o telemóvel e o

tablet para o efeito, e revelam-se confiantes face ao uso da internet (51%). Contudo uma percentagem considerável revela pouca confiança no uso da internet (40%).

Tabela 20 - *Estilos parentais e características das crianças e adolescentes (%)*

Variáveis	Negligente	Autoritário	Indulgente	Autoritativo
Idade				
11-13	29,2	50	29,6	28,6
14-17	54,2	50	40,7	19
8-10	12,5		29,6	52,4
Sexo				
Feminino	52,2	100	63	43,9
Masculino	47,8		37	56,1
Escolaridade				
1º ciclo	16,7		33,3	47,6
2º ciclo			7,4	9,5
3º ciclo	79,2	100	59,3	39,7

Estas crianças utilizam igualmente as redes sociais (88%) diariamente (75%), sendo que usam, em média, quatro redes sociais diferentes, sendo o facebook a mais utilizada. Perante o estilo indulgente verificam-se, sobretudo, crianças com idades compreendidas entre os 11-13 anos, do sexo feminino (63%), a frequentar o 3º ciclo. De um modo geral todas utilizam a internet diariamente, fazendo-o em casa, através do computador portátil (88%) e telemóvel (79%). A confiança digital é evidente na maioria destas criança (56%), embora, à semelhança das anteriores, verifique-se um percentagem significativa de crianças pouco confiantes (44%).

Quanto às redes sociais, verifica-se uma utilização elevada por estas crianças (78%), embora inferior às crianças sujeitas aos restantes estilos, bem como o número médio de redes sociais utilizadas. Relativamente ao estilo negligente, verifica-se uma maior percentagem de adolescentes entre os 14-17 anos, sem diferenças significativas a nível de género, embora com maior incidência no sexo feminino e a frequentar o 3º ciclo. A maioria utiliza a internet (83%), no entanto em menor percentagem, comparativamente aos restantes estilos. A internet é utilizada, sobretudo, em casa e através do telemóvel (95%) e computador portátil (62%). A maioria destes adolescentes também utiliza as redes sociais (87%), com uma frequência diária (80%), no entanto utilizando menos redes sociais, em comparação com os restantes. No que respeita ao perfil nas redes sociais, cerca de 50% das crianças dos diferentes estilos tem o seu perfil público nas redes sociais ou então desconhece o seu estado. Quanto à informação visível no seu perfil, verifica-se, de uma forma geral, a morada, a escola e uma idade que não corresponde à verdadeira.

Tabela 21 - Estilos parentais e uso da internet e redes sociais pelas crianças e adolescentes (%)

Variáveis	Negligente	Autoritário	Indulgente	Autoritativo
Idade				
11-13	29,2	50	29,6	28,6
14-17	54,2	50	40,7	19
8-10	12,5		29,6	52,4
Sexo				
Feminino	52,2	100	63	43,9
Masculino	47,8		37	56,1
Escolaridade				
1º ciclo	16,7		33,3	47,6
2º ciclo			7,4	9,5
3º ciclo	79,2	100	59,3	39,7
Usas a internet?				
Sim	91,3	100	96,3	95
Quantas vezes?				
<=Mensalmente	14,3		11,5	8,8
Semanalmente			7,7	15,8
Diariamente	85,7	100	80,8	75,4
Em que aparelhos?				
Telemóvel	95,2	100	90,5	84,9
Tablet	64,7	100	76,2	73,6
CPU portátil	72,2	100	91,3	64
CPU secretária	38,5	100	33,3	45,5
Sentes-te confiante/autónomo a usar a internet?				
Nada confiante	9,5			9,1
Pouco confiante	38,1	50	44	40
Confiante	52,4	50	52	45,5
Muito confiante			4	3,6
Usas as redes sociais?				
Sim	87	100	77,8	87,7
Quantas vezes?				
<=Mensalmente	15		9,5	8
Semanalmente	5	50	14,3	28
Diariamente	80	50	76,2	64
O teu perfil, nas redes sociais que usas, é...				
Não sabes	20		13,6	10,9
Público	30	50	36,4	41,3
Parcialmente privado	20		18,2	13
Privado	30	50	31,8	34,8
Informação visível no teu perfil?				
O teu apelido	85,7	100	95,2	92
A tua morada	5,6	100	5,6	11,4
O teu número de telefone	22,2	50	27,8	15,9
A tua escola	60	50	66,7	44,4
A tua idade verdadeira	33,3	50	15,8	31,1
Uma idade que não é verdadeira	55,6	50	66,7	60

Relativamente aos comportamentos de risco na internet, de uma forma geral, não se verificam diferenças significativas nas crianças e adolescentes, tendo em conta os diferentes estilos parentais. São de salientar valores mais significativos nos contactos online/offline, relativamente a todos os estilos parentais.

Tabela 22 – Comparação de médias entre *estilos parentais e comportamentos de risco*

Variáveis		Imagens sexuais	Bullying	Sexting	Contactos online/offline	Uso indevido de informações	Outros riscos
Negligente	M	1	1	1,05	1,36	1,05	1
	DP	0	0	0,218	0,492	0,213	0
	N	22	22	21	22	22	21
Autoritário	M	1	1	1	1,5	1	1
	DP	0	0	0	0,707	0	0
	N	2	2	2	2	2	2
Indulgente	M	1,07	1	1,08	1,41	1,04	1
	DP	0,267	0	0,272	0,501	0,192	0
	N	27	27	26	27	27	26
Autoritativo	M	1,05	1,02	1,03	1,18	1,03	1
	DP	0,22	0,129	0,183	0,39	0,184	0
	N	60	60	59	60	58	60

Em resposta a outra das questões formuladas para a investigação, não qual pretende-se compreender a relação entre os estilos parentais e fatores como a idade da criança ou adolescente, condição de imigrante, ser pai/mãe e o nível de escolaridade dos pais foi efetuada uma análise de correlação. A condição de imigrante será definida pela variável naturalidade, sendo que para os pais nascidos em Portugal a naturalidade será “Portugal” e os nascidos em outros países a naturalidade será “Imigrante”. Os dados apurados evidenciam uma fraca correlação negativa entre os estilos parentais e a idade das crianças e adolescentes ($r = -0,359$, $p < 0,01$), e com a naturalidade dos pais ($r = -0,306$, $p < 0,01$). Como tal, conclui-se que os estilos parentais variam em função da idade das crianças e adolescentes e da naturalidade dos pais. (Tabela 23)

Tabela 23 - Correlação entre estilos parentais e a idade da criança/adolescente, condição de imigrante, ser pai/mãe e nível de escolaridade dos pais

Variáveis		Idade	Sexo	Naturalidade	Escolaridade	Estilos parentais
Idade	r	1	0,118	0,198	-0,125	-,359**
	p	-	0,206	0,051	0,198	0,000
	N	118	116	98	107	115
Sexo	r	0,118	1	0,101	0,081	-0,045
	p	0,206	-	0,322	0,405	0,632
	N	116	117	99	108	116
Naturalidade	r	0,198	0,101	1	-,283**	-,306**
	p	0,051	0,322	-	0,007	0,002
	N	98	99	99	91	98
Escolaridade	r	-0,125	0,081	-,283**	1	0,102
	p	0,198	0,405	0,007	-	0,298
	N	107	108	91	108	107
Estilos parentais	r	-,359**	-0,045	-,306**	0,102	1
	p	0,000	0,632	0,002	0,298	
	N	115	116	98	107	116

Para compreender de forma mais aprofundada a relação entre as variáveis em causa foi efetuada uma análise Qui-quadrado. Os resultados apurados foram igualmente significativos para as variáveis idade ($\chi^2=20,81$, $p=0,014$) e naturalidade ($\chi^2=23,88$, $p=0,000$). Em relação à idade, os valores observados indicam que os adolescentes entre os 14-17 anos estão mais sujeitos ao estilo negligente. O contrário verifica-se relativamente às crianças entre os 8-10 anos, que estão menos sujeitas ao estilo negligente e mais ao estilo autoritativo. De acordo com a média de idades nos diferentes estilos, os valores indicam que os adolescentes estão mais sujeitos ao estilo negligente ($M=13,61$; $DP=2,369$) e as crianças mais novas ao estilo indulgente ($M=12,33$; $DP=2,304$) e autoritativo ($M=11,27$; $DP=2,424$). Assim sendo, conclui-se que quanto mais velhas forem as crianças e adolescentes mais negligentes serão os pais relativamente ao uso da internet.

A nível da naturalidade, os valores apresentados indicam que nos pais naturais de Portugal é mais evidente o estilo autoritativo e menos o indulgente, enquanto nos pais Imigrantes é mais evidente o estilo indulgente e menos o autoritativo. Relativamente à distribuição por estilo parental, 43,9% dos pais imigrantes evidenciam um estilo indulgente e 26,8% um estilo negligente e autoritativo. O estilo autoritário é muito pouco significativo, tendo em conta o número de elementos ($N=2$), representando apenas 2,4%. Em relação aos pais naturais de

Portugal, 12,3% apresenta um estilo negligente, 10,5% um estilo indulgente, 75,4% autoritativo, e apenas 1,8% autoritário.

Em relação ao género dos pais, as diferenças encontradas são pouco acentuadas, e não significativas, com as mães a evidenciarem valores ligeiramente superiores para o estilo autoritativo (55,4%) em relação aos pais (50%). Quanto aos restantes estilos parentais, verifica-se também uma ligeira diferença de valores, sendo que os pais revelam-se mais indulgentes e negligentes (ambos com 25%) do que as mães, sendo que 20% são estilo negligente e 23% indulgentes. Relativamente à escolaridades dos pais, não se observa variações em função dos estilos parentais. Cerca de 46% dos pais em estudo enquadram-se no 3º grau, sendo que 59% evidencia um estilo autoritativo, 28,6% um estilo indulgente e os restantes o negligente. Por sua vez, 36% dos pais enquadram-se no 4º grau, sendo que 46% apresentam um estilo autoritativo, 28% o negligente, cerca de 21% o indulgente e os restantes autoritários. Os pais com qualificações mais elevadas estão em minoria (14%), enquadrando-se, maioritariamente, no 1º grau (11%) e apresentam um estilo sobretudo autoritativo (58%), embora uma percentagem significativa (33%) evidencie um estilo negligente. Em suma, conclui-se que, no presente estudo, os estilos parentais na internet não variam em função da escolaridade dos pais.

Relativamente aos estilos parentais, pretende-se ainda verificar a sua variação nos pais com maior e menor competência digital. Tal como mencionado anteriormente, a variável em questão foi recodificada numa nova variável. A escala de likert, de cinco pontos (1- nunca usei e 5 – muito confiante) existente para classificar esta variável foi recodificada em novos valores, pelo que os valores de um a três (inclusive) passaram a um, e os valores quatro e cinco passaram a dois, dando origem a uma nova escala de dois pontos (1- baixa confiança, 2-alta confiança).

Os resultados apurados foram obtidos através de uma análise de Qui-quadrado. Os valores de Pearson encontrados não são significativos para as variáveis em estudo ($X^2=2,153$, $p=,541$). Ao contrário do que seria de se esperar, 52% dos pais com baixa confiança digital, presentes no estudo, evidenciam um estilo parental autoritativo, enquanto 30% revela um estilo indulgente e 15% o negligente. Em relação aos pais com alta confiança digital, 61% evidencia o estilo autoritativo, 19% para cada um dos estilos indulgente e negligente, sendo o autoritário pouco significativo.

Embora em ambas as situações os pais apresentem, maioritariamente, um estilo autoritativo, é de salientar a percentagem significativa de pais indulgentes e negligentes (cerca de

40% para ambos). Deste modo, conclui-se que, apesar de responsivos, de uma forma geral, os pais em estudo exibem baixos níveis de controlo relativamente ao uso da Internet pelos filhos.

3.2. Discussão

A realização deste estudo teve por objetivo perceber de que forma os estilos parentais têm influência sobre a utilização da internet pelas crianças e adolescentes.

Considerando os resultados obtidos na presente investigação, verifica-se uma taxa de utilização bastante acentuada entre as crianças e adolescentes, bem como os próprios pais. Atendendo que uma percentagem significativa das crianças em estudo tem entre 8-10 anos (40%) seria esperado uma menor utilização da internet por estas, bem como uma maior utilização da internet pelas crianças e adolescentes mais velhas. Contrariamente aos estudos de Valcke et al (2010), os resultados obtidos revelam que a taxa de utilização da internet é elevada entre as crianças mais novas, não se verificando diferenças consideráveis em comparação com as mais velhas. Os resultados estão em consonância com as pesquisas de Livingstone, Haddon, Görzig, & Ólafsson, (2011) na qual é evidenciado que uma percentagem elevada de crianças e adolescentes entre os 9 e os 16 utilizam diariamente a internet. Contudo, neste estudo, as crianças mais novas utilizam a internet com menos frequência que as mais velhas. A nível da confiança digital, em comparação com os seus pais, estas crianças evidenciam uma menor confiança digital, situação esta que poderá ser fundamentada com base na idade das crianças, tendo em conta a elevada taxa de crianças com idade inferior a 10 anos. Considerando que nesta faixa etária as crianças evidenciam baixas competências digitais, é expectável que ocorra este desfasamento, com os pais a evidenciarem maior confiança digital que os filhos. Estes resultados contrariam as evidências do estudo EU Kids Online (2014), na qual as crianças e adolescentes entre os 9-16 anos afirmam ter mais conhecimentos acerca da Internet do que os seus pais.

Ainda relativamente à confiança digital, crianças e adolescentes com maior e menor confiança apresentam características muito semelhantes quanto à faixa etária, número de crianças nas diferentes idades e estilos parentais evidenciados pelos seus pais. No entanto, atendendo que a frequência de uso da internet é superior nas crianças com maior confiança digital, é esperado que esta situação conduza ao aumento das suas competências e confiança digital. Estas crianças apresentam, ainda, pais igualmente mais confiantes, o que de certa forma contribui para melhorar a sua confiança digital.

No que concerne ao contexto socioeconómico, não parece influenciar a utilização da internet, considerando a elevada taxa de utilização verificada entre os participantes. Os resultados contrariam aos dados do estudo Net Children Go Mobile (2014) no qual é evidenciado um baixo uso da internet pelos pais nestes contextos. Esta situação poderá eventualmente revelar uma maior abertura e disponibilidade por parte dos pais relativamente ao mundo digital, situação essa que poderá facilitar, futuramente, um maior acompanhamento e mediação do uso da Internet pelos filhos.

Em relação aos pais, os resultados evidenciam uma relação significativa entre o uso da internet por estes e a sua idade, escolaridade, profissão, condição imigrante e confiança digital, na medida em que os pais mais velhos, os com baixa escolaridade, de profissão enquadrável no 4º e 5º grau, de naturalidade estrangeira e com baixa confiança digital são os mais afirmam não usar a internet. Os dados são corroborados pelos estudos de Valcke et al, (2010), no que respeita à escolaridade e confiança digital, mas contraditórios relativamente à idade dos pais, condição de imigrante, sendo que no presente estudos os pais mais velhos e imigrantes usam menos a internet.

Quanto ao local de acesso à internet, o lar mantém-se como principal local. Estes resultados estão de acordo com o relatório Net Children Go Mobile (2014), na medida em que o acesso à internet aumentou de forma significativa a partir do lar. Em relação aos aparelhos de acesso, o telemóvel destaca-se como sendo mais utilizado para o efeito. Ainda que a literatura saliente o predomínio da portátil, nesta investigação o mesmo não acontece, com o telemóvel a ocupar uma posição de relevância. Esta situação é igualmente retratada na literatura, na medida em que nos contextos socioeconómicos mais vulneráveis é menor o acesso a equipamentos informáticos, excetuando-se o telemóvel, (Net Children Go Mobile, 2014), por ser menos dispendioso, estará mais acessível.

Relativamente à influência dos estilos parentais na utilização da internet, observa-se uma percentagem elevada de crianças e adolescentes a utilizar a internet, independentemente do estilo parental. A maioria das crianças que utilizam a internet estão sujeitas ao estilo indulgente, contudo as diferenças face aos restantes estilos são pouco significativas. Estes resultados estão em consonância com as pesquisas de Valcke et al., (2010) na qual o estilo permissivo (aqui designado por indulgente) é associado a uma maior utilização da internet pelas crianças. Quanto à frequência de uso, as crianças e adolescentes sujeitas ao estilo negligente são as que usam a internet com mais frequência. Considerando que o controlo parental influencia o uso da Internet

(Lwin et al, 2008), é de se esperar que as crianças sujeitas ao estilo negligente, caracterizado por baixos níveis de controlo, passem mais tempo na internet, atendendo à ausência de uma imposição de limites no acesso.

No que respeita à confiança digital evidenciada face ao uso da Internet, as diferenças são igualmente pouco significativas entre os diferentes estilos, com as crianças e adolescentes sujeitas ao estilo indulgente a revelarem-se mais confiantes no uso da Internet. O contrário é visível em relação às crianças sujeitas ao estilo autoritativo, que são as menos confiantes, seguidas pelas do estilo autoritário. Esta situação pode estar associada ao nível elevado de controlo, que caracteriza estes estilos parentais, sendo que o controlo parental elevado está a conduzir a um menor uso da Internet pelas crianças e por conseguinte uma menor confiança digital.

Relacionando os estilos parentais com a idade das crianças e adolescentes, observou-se uma relação significativa entre ambos, com as crianças mais novas a evidenciarem sobretudo pais autoritativos e as mais velhas, pais negligentes. Esta significância entre os estilos parentais e os fatores apresentados é corroborada pelos estudos de Valcke et al., (2010), onde um maior controlo e afeto é evidente perante as crianças mais novas. Face à condição de imigrante a relação com os estilos parentais é igualmente significativa, sendo que os pais imigrantes revelam-se mais indulgentes e os naturais de Portugal são mais autoritativos. Nos estudos de Valcke et al, (2010) não se verificou qualquer associação entre as dimensões do controlo e o afeto e a condição de imigrante. Em relação à escolaridade dos pais, os resultados são ambíguos, na medida em que os diferentes estilos parentais são evidentes nos pais com elevadas e baixas qualificações. Estes resultados são incoerentes com as pesquisas de Valcke (2010), as quais salientam que as elevadas qualificações são associadas a um maior controlo e afeto. Quanto ao género dos pais, a relação com os estilos parentais não é significativa, contrariando novamente as pesquisas de Valcke et al., (2010), nas quais as mães são evidenciadas como tendo níveis elevados de controlo e afeto.

Relativamente aos estilos parentais evidenciados pelos pais com maior e menor confiança digital, os resultados foram inconclusivos na medida em que não são visíveis diferenças significativas entre estes. Tanto os pais com maior e menor confiança digital apresentam-se maioritariamente autoritativos mas verifica-se uma percentagem significativa de pais indulgentes e negligentes entre estes. Os estudos de Valcke et al., (2010) referem que uma elevada experiência ao nível da Internet resulta num maior controlo e afeto parental. Em relação às estratégias de mediação parental e estilos parentais, a relação entre ambas é significativa. As

estratégias de MAS e MA são as mais utilizadas pelos pais em estudo, à exceção do negligente, que recorrem a com maior frequência a estratégias de MR. Sendo o estilo autoritativo o mais expressivo entre estes pais é expectável que recorrem com mais frequência a estratégias de MAS e MA. Esta situação é benéfica na medida em que MA é associada a baixos riscos bem como mais oportunidades e melhores competências digitais para a criança. A MAS é igualmente associada a mais oportunidades, sendo mais utilizada no caso da criança experienciar alguma situação desagradável na internet e como forma de prevenir situações futuras. Quanto à MR é associada a baixos riscos, bem como a baixas oportunidades e menores competências digitais, atendendo a um menor uso da internet pela criança (Duerager & Livingstone, 2012).

A nível de comportamentos de risco, a sua expressão entre as crianças e adolescentes em estudo é relativamente baixa, Os resultados estão em concordância com as informações do projeto Net children, Go Mobile (2014), não qual é salientado um baixo índice de comportamentos de risco entre as crianças portuguesas. No entanto, verifica-se uma maior incidência de riscos a nível de contactos online/offline em todas as idades e ambos os sexos. Estes resultados contrariam alguns estudos, nas quais os rapazes evidenciam mais comportamentos de risco do que as raparigas (Chiou & Wang, 2006). Os adolescentes entre os 14-17 são os que revelam mais comportamentos de risco, destacando-se nas imagens sexuais. Os adolescentes entre os 11-13 envolvem-se principalmente em sexting. As crianças mais novas, entre os 8-10, destacam-se no bullying. Quanto ao género, as raparigas evidenciam mais riscos a nível de bullying, sexting e uso indevido de informações pessoais, enquanto os rapazes envolvem-se mais em imagens sexuais e contactos offline e online. Estes resultados são igualmente confirmados pelas pesquisas do projeto Net Kids Go Mobile (2014)

As estratégias de mediação evidenciam influência significativa sobre os riscos, sendo que a MA, MASC, MR e MT revelaram influenciar significativamente os contactos online e offline, e o bullying. Em relação aos estilos parentais, os resultados não evidenciaram valores significativos, pelo que os estilos parentais não parecem influenciar os comportamentos de risco das crianças e adolescentes em estudo. Embora os estilos parentais evidenciados como tendo um papel importante na redução dos riscos (Leung and Lee, 2012), e o estilo autoritativo seja associado a baixos níveis de comportamentos de risco (Rosen, Cheever & Carrier, 2008), o mesmo não é evidenciado no presente estudo. Estes resultados são, no entanto, corroborados

pelas pesquisas de Lau & Yuen (2013) na qual os estilos em questão não revelaram-se eficazes na redução dos riscos.

IV - Conclusão

O acesso à Internet é cada vez mais expressivo no quotidiano das famílias, sendo que o contexto socioeconómico é cada vez menos um entrave a esse nível. As crianças começam a “navegar” cada vez mais cedo na Internet, obrigando a família a estar mais desperta e capacitada para a acompanhar e apoiar-la nas suas descobertas. Se há pouco tempo a Internet era de uso quase exclusivo das crianças e adolescentes, atualmente a realidade começa a mudar e assistimos a uma presença cada vez mais presente dos pais a este nível.

Apesar das famílias em estudo estarem inseridas num contexto vulnerável, segundo a caracterização da população existente no diagnóstico da rede social (2014) do concelho, o acesso à internet evidenciou-se bastante expressivo, contrariamente ao que seria de se esperar. Os pais parecem estar cada vez mais despertos para essa realidade, pelo que assistimos a uma adesão significativa à internet e às redes sociais. A casa mantém-se como local privilegiado para aceder à Internet, sendo que o telemóvel revelou-se o aparelho mais utilizado para o efeito, entre a população em estudo. Esta mudança é compreensível na medida em que, se no passado aceder à Internet requeria despesas com a aquisição de um computador, e como tal um investimento nem sempre passível de ser suportado pela família, atualmente, com o avanço exponencial das tecnologias e equipamentos de comunicação, a internet tornou-se acessível através de um telemóvel. Deste modo, dada a facilidade e os baixos custos com a aquisição deste equipamento e considerando que, nos dias que correm, o telemóvel tenha-se tornado um bem indispensável no quotidiano das famílias, não é de estranhar que este tenha-se tornado um canal bastante requisitado para aceder à internet.

Considerando a o objeto de estudo desta investigação, contrariamente ao espectável, os estilos parentais não revelaram impacto significativo na utilização da Internet pelas crianças e adolescentes. No entanto, Atendendo que a maioria das crianças que utiliza a internet esta sujeita a um estilo parental indulgente, e sendo este pautado por baixos níveis de controlo, há que promover maior sensibilização dos pais para a necessidade de um maior controlo da utilização da internet pelas crianças e adolescentes. Por sua vez, atendendo que a influência dos estilos parentais na utilização internet pelas crianças não é significativa, nem relativamente aos comportamentos de risco, por sua vez, e o mesmo não se verifica face à confiança digital dos pais

escolaridade, entre outras características, importa compreender que fatores poderão influenciar estes resultados.

4.1. Limitações do estudo

Na presente investigação são de referir algumas limitações, que deverão ser consideradas em estudos futuros. Uma das situações a considerar prende-se com a dimensão da amostra, sendo que esta deverá ser de maior amplitude, no sentido de possibilitar uma maior representatividade dos elementos em estudo e a comparação dos resultados. Nesta investigação, o estilo autoritário é constituído apenas por dois elementos, sendo que, em algumas situações, os resultados obtidos poderão ter sido enviesados.

A nível da recolha dados, o facto de a amostra ser constituída por díades criança ou adolescente e respetivo pai ou mãe, sentiram-se grandes dificuldades, atendendo que uma quantidade significativa de questionários enviados aos pais, para preenchimento, não foram devolvidos, inviabilizando o questionário que havia sido preenchido pelas crianças e adolescentes.

Relativamente ao instrumento utilizado, tendo sido criado para a presente investigação, não houve a possibilidade de o validar previamente. Esta situação poderá ter originado alguma ambiguidade nos resultados obtidos.

Em relação ao preenchimento dos questionários pelas crianças, considera-se que, o facto de este ter sido realizado em contexto de sala e na presença da investigadora, possa ter causado alguma inibição nas respostas dadas pelas crianças e adolescentes, apesar de ter sido frisado o anonimato do questionário e a confidencialidade dos dados. Por outro lado, sendo que o questionário enviado aos pais, e posterior devolução, foi efetuado por intermédio das crianças não é possível garantir que, em todos os casos, o preenchimento tenha sido realizado pelos pais.

4.2. Recomendações

Esta investigação possibilitou uma melhor compreensão acerca dos estilos parentais na internet evidenciado pelos pais de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, com baixas qualificações e de origem imigrante e como acompanham a utilização da internet pelos filhos. Atendendo que alguns dos resultados foram inconclusivos, futuramente, será pertinente a realização de estudos mais aprofundados, e com recurso a metodologia qualitativa (entrevistas

e/ou grupos focais), no sentido de uma melhor compreensão dos resultados obtidos. Por outro lado, perceber as reais necessidades e/ou dificuldades com as quais estes pais se deparam no acompanhamento dos filhos, na utilização da Internet. Por sua vez, será igualmente pertinente a criação de programas de intervenção, que espelhem as suas dificuldades, possibilitando a sua capacitação a nível das competências digitais.

No que respeita aos estilos parentais e condição de imigrante, tendo em conta que estes pais evidenciam maioritariamente o estilo indulgente recomenda-se a sua sensibilização para um maior e melhor controlo sobre a utilização da internet pelos filhos.

Relativamente às crianças, será pertinente um investimento no sentido de aumentar a sua confiança digital, tendo em consideração a percentagem considerável de crianças e adolescentes com baixa confiança digital evidentes no estudo. Por sua vez, é necessário continuar a desenvolver programas de sensibilização e intervenção para crianças e adolescentes em relação aos comportamentos de risco na internet, com forte incidência nas redes sociais, tendo em conta os valores significativos observados relativamente aos contactos online e offline, concretamente o encontro com pessoas conhecidas através da internet.

Para finalizar, recomenda-se ainda a realização de pesquisas com vista à validação do instrumento criado para investigação em questão.